

RESUMO

Procurando percorrer um ensino que desenvolva no aluno um olhar crítico e reflexivo sobre o mundo que o rodeia, torna-se imperativo desenvolver nos alunos habilidades e competências que permitam, entre outras coisas, a interpretação de textos e comunicações das mais diversas áreas da Ciência, de tal forma que torne possível o posicionamento crítico em relação a esses temas presentes no seu quotidiano.

Neste sentido, com este trabalho pretendemos demonstrar que um dos meios de comunicação social que pode ser utilizado em contexto de sala de aula, a fim de constituir um recurso motivador e facilitador do processo ensino-aprendizagem, ou ainda um instrumento promotor de uma literacia científica por parte dos alunos, é o jornal.

A fim de comprovar estes nossos pressupostos teóricos, desenvolvemos uma metodologia que assentou na lecionação de uma temática recorrendo, numa primeira fase ao tratamento de notícias e num momento posterior à produção de uma notícia, tudo isto através de fichas de trabalho devidamente orientadas neste sentido. Desta feita, validamos os jornais enquanto fonte de riqueza de material importante para o estudo das Ciências, mas também enquanto instrumentos potenciadores de aprendizagens significativas. Com efeito, pelas respostas dos estudantes dadas sobre as notícias trabalhadas, ficou evidente que a partir das mesmas compreenderam de forma proficiente as temáticas em abordagem. Além disso, a produção de notícias permitiu-nos perceber que os discentes se baseavam em conhecimentos anteriormente tratados nas notícias, facto que comprova a eficiente assimilação e compreensão da informação temática. Estas notícias elaboradas por todos os elementos das turmas, continham ainda as opiniões e deduções retiradas dos alunos sobre os assuntos em análise, facto que revela que estas atividades foram, sem dúvida alguma, bastante motivadoras e proveitosas.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Didática; História; Geografia; Jornal; Texto não-literário.

ABSTRACT

Looking for a school that develops in the student a critical and reflective about the world around you, it becomes imperative to develop students skills and competencies that allow, among other things, the interpretation of texts and communications from various fields of science, so that makes possible the critical position in relation to these themes present in their daily lives.

In this sense, this work we intend to prove that one of the media that can be used in the context of the classroom in order to provide a resource motivator and facilitator of the teaching-learning an instrument or promoter of a scientific literacy by the students, is the newspaper.

In order to prove these our theoretical assumptions, we developed a methodology that was based on a theme *lecionação* using initially the treatment of news and a moment later the production of a news story, all through worksheets properly oriented in this direction. This time, we validate the newspapers as a source of wealth of material for the study of science, but also as a means of enhancing meaningful learning. Indeed, given the responses of students worked on the news, it was evident that from them so proficient understood the thematic approach. Furthermore, the production of news has allowed us to realize that the students were based on knowledge previously treated in the news, a fact that proves the efficient assimilation and understanding of thematic information. This news produced by all elements of the classes, still contained the views and inferences drawn from the students on the issues under review, which reveals that these activities were, without doubt, very motivating and useful.

KEYWORDS: Press, Curriculum, History, Geography, Newspapers, Non-literary text.

AGRADECIMENTOS

O término deste moroso percurso marcado pela dissertação de mestrado no âmbito da iniciação à prática profissional, apesar de ser um processo solitário a que qualquer investigador está fadado, congloba uma outra dimensão de foro emocional que acompanha em larga medida, o entusiástico, mas não raras vezes, tortuoso trabalho que desenvolvemos, a fim de o impulsionarem e o repletarem de brilho. Assim, se o desafio se constituía grandioso e as motivações magnificentes, as generosas contribuições de todos aqueles que caminharam ao nosso lado em todo este processo, converteram os momentos de angústia e desânimo num percurso florido de esperança e da inequívoca certeza de que iria cumprir aquilo a que me dispus trabalhar.

Deste modo, não poderíamos, de forma alguma, abster-nos de dedicar algumas palavras de sincero reconhecimento e gratidão às pessoas que estiveram permanentemente ao nosso lado nesta jornada, representando uma oportunidade ímpar de crescer, não só a nível profissional, mas ainda enquanto ser humano. Claro está que, por vezes, as palavras não tocam a profundidade dos sentimentos e, nesse sentido, a autêntica gratidão será, na verdade, consagrada na linha de vida que tomaremos daqui em diante pautada pelos conhecimentos e valores que nos foram transmitidos.

Sendo assim, dirigimos algumas palavras àqueles que de forma mais ou menos intensa partilharam connosco a sua sabedoria e o seu amor. Um profundo e sentido agradecimento:

- À minha mãe (Luísa Alves) e irmã (Francisca Brito) que sendo as pessoas mais importantes da minha vida, me apoiaram incessantemente com palavras e gestos de amor e de confiança. Agradeço à minha mãe, que sendo o meu ponto de referência, a educação e os valores que ela me transmitiu e que fizeram de mim a pessoa que hoje sou.
- À minha grande família que o sendo em número, mas sobretudo em grandiosidade, me presenteou com muito amor e muito apoio.
- Aos meus amigos, em particular à minha amiga Cristiana Ramos que sempre ouviu pacientemente os meus desabafos e generosamente me aconselhava quando os obstáculos se insurgiam. É um ser humano fantástico que estando ao meu lado em todos os momentos importantes da minha vida, sempre depositou confiança em mim e me ensinou a acreditar nas minhas capacidades. O meu companheiro de viagem e amigo Miguel Ângelo que durante este percurso

esteve sempre disponível para me ajudar em tudo aquilo de que necessitei, e mesmo quando o desalento batia à porta, de tudo fazia para me transmitir força e coragem para continuar. A sua personalidade bem vincada, marcada por uma grande determinação, ajudou-me a construir um “eu” mais autónomo e convicto daquilo que poderia alcançar.

- Às minhas orientadoras (Anabela Prata e Isabel Ribeiro) que, no âmbito do estágio que realizei na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, me passaram muita da sua sabedoria. Foi, portanto, um privilégio ter trabalhado e ter tido a minha experiência profissional com profissionais de uma categoria exemplar.
- Às minhas orientadoras deste relatório de estágio (Doutora Cláudia Ribeiro e a Doutora Elsa Pacheco) que com a sua mestria me orientaram pacientemente neste percurso. Não apenas valorizo os comentários e observações críticas a respeito do texto mas, também, a sensibilidade, humanidade com que sempre me trataram, demonstrando, assim, não só o seu magnânimo profissionalismo, mas ainda os seus carâteres excecionais.
- Aos meus colegas de estágio, em particular Miguel Rocha e Armando Figueiredo, que me auxiliaram durante todo este processo. Com eles partilhei experiências, angústias e risadas, foi, sem dúvida alguma, um grupo de trabalho muito cooperante e solidário entre si.
- Aos meus alunos que foram, indubitavelmente, um grande motor em toda esta caminhada. Se no momento de entrada para este mestrado brilhava alguma incerteza, o encontro com “os meus meninos” foi a verdade de que o caminho para a realização pessoal era aquele e que jamais poderia sequer pensar em desistir. Com eles fui aprendendo a ser professora.
- Aos funcionários da escola em que estagiei, particularizando a Dona Leónia, a senhora responsável pelo Centro de Formação da escola, onde ia tirar fotocópias. Nos momentos que antecipavam as minhas regências, a Dona Leónia tinha sempre uma palavra amiga para me reconfortar. Além disso, sempre que necessitava de alguma coisa (a nível logístico), batia-lhe à porta e com um sorriso nos lábios disponibilizava-se para me ajudar em tudo.

Findamos este pequeno mas sentido agradecimento a todas estas majestosas pessoas, dizendo um MUITO OBRIGADA A TODOS.

ÍNDICE

Introdução -----	8
PARTE I – Enquadramento teórico -----	13
1. Os media e a educação -----	14
1.1. O papel da escola numa Sociedade de informação -----	14
1.2. Formação de cidadãos cientificamente literados -----	16
1.2.1. Hábitos de leitura -----	18
2. O uso do jornal em contexto de sala de aula -----	22
2.1. Breve história do Jornal e das funções da sua linguagem -----	22
2.2. O Jornal como meio informal de aprendizagem -----	25
2.3. O Jornal enquanto recurso didático -----	27
PARTE II – Enquadramento metodológico -----	30
1. Contexto -----	31
a) Caraterização da Escola -----	32
b) Caraterização das turmas -----	33
2. Objeto de estudo -----	36
a) Descrição do trabalho empírico realizado na área disciplinar de Geografia --- ---38	
b) Descrição do trabalho empírico realizado na área disciplinar de História ---- -- 45	
c) Da metodologia aplicada à análise de conteúdo -----	50
3. Análise dos Resultados -----	53
a) Área disciplinar de Geografia -----	53
b) Área disciplinar de História -----	58
Considerações finais -----	63

Referências bibliográficas	66
Anexos	69
Anexo 1 – Plano de aula de Geografia	70
Anexo 2 – Ficha individual utilizada na aula de Geografia	74
Anexo 3 – Ficha coletiva utilizada na aula de Geografia	75
Anexo 4 – Plano de aula de História	76
Anexo 5 – Ficha individual utilizada na aula de História	78
Anexo 6 – Ficha coletiva utilizada na aula de História	79
Anexo 7 – Grelhas de análise de conteúdo do 8ºD e 8ºC	80
Anexo 7.1 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Apostam na terra 4 jovens por dia”	80
Anexo 7.2 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Governo dá terra a quem a trabalhar”	81
Anexo 7.3 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos”	82
Anexo 7.4 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Produção de legumes e frutas empregam 150 mil”	83
Anexo 8 – Grelhas de análise de conteúdo do 8ºD e 8ºC	84
Anexo 8.1 – Informação sobre a opinião dos alunos relativamente à notícia “Apostam na terra 4 jovens por dia”	84
Anexo 8.2 – Informação sobre a opinião dos alunos relativamente à notícia “Governo dá terra a quem a trabalhar”	86
Anexo 8.3 – Informação sobre a opinião dos alunos relativamente à notícia “Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos”	87
Anexo 8.4 – Informação sobre a opinião dos alunos relativamente à notícia “Produção de legumes e frutas emprega 150 mil”	88
Anexo 9 – Grelhas de análise de conteúdo do 8ºD e 8ºC.....	89
Anexo 9.1 – Grelha de análise de conteúdo dos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos	89
Anexo 10 – Grelhas de análise de conteúdo do 9ºD	92

Anexo 10.1 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Façamos da nossa luta por aumento de salário uma luta constante, unida e firme!”	92
Anexo 10.2 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Um ano de combate anti-fascista”	93
Anexo 10.3 – Grelha de análise de conteúdo das palavras-chave extraídas da notícia “Preso o comandante da região do Porto”	94
Anexo 11 – Grelhas de análise de conteúdo do 9ºD	95
Anexo 11.1 – Informação sobre a opinião e perceção dos alunos relativamente notícia “Façamos da nossa luta por aumentar de salário uma luta constante, unida e firme!”	96
Anexo 11.2 – Informação sobre a opinião e perceção dos alunos relativamente à notícia “Um ano de combate anti-fascista”	96
Anexo 11.3 – Informação sobre a opinião e perceção dos alunos relativamente à notícia “Preso o comandante da região do Porto”	97
Anexo 12 – Grelhas de análise de conteúdo do 9ºD	98
Anexo 12.1 – Grelha de análise de conteúdo dos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos	98

INTRODUÇÃO

“[...] até hoje o aluno tem permanecido nos ombros do professor. Tem visto tudo com os olhos dele e julgado tudo com a mente dele. Já é hora de colocar o aluno sobre as suas próprias pernas, de fazê-lo andar e cair, sofrer dor e contusões e escolher a direção. E o que é verdadeiro para a marcha – que só se pode aprendê-la com as próprias pernas e com as próprias quedas – se aplica igualmente a todos os aspectos da educação.” (Vygotsky, 2001 citado por Marques e Oliveira, 2005: 7)

Desperta, desde muito cedo, para as questões ligadas à educação, possivelmente por estar inserida num meio familiar composto por muita gente ligada à área da docência, o meu olhar tem sido direcionado para a perspetiva aberta e dinâmica do processo ensino-aprendizagem que, tal como Vygotsky defende, deverá contemplar o papel ativo do aluno durante todo esse processo. De facto, foram as histórias, as leituras, os caminhos percorridos, mas sobretudo as experiências realizadas, que convergiram na impetuosa importância da problematização deste paradigma educacional. Porém, desta súpula de acontecimentos e experiências, foi o estágio profissional concretizado na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do EB e ES, frequentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que se assumiu como a forte alavanca para o ponto de partida desta nossa investigação.

Com efeito, nos primeiros meses deste estágio, o contacto próximo com a comunidade docente e discente permitiu-nos compreender de forma mais clara a realidade que se vive nas escolas portuguesas, tanto ao nível das práticas docentes, como também do próprio papel e postura dos diversos agentes educativos em todo o processo ensino-aprendizagem. Mergulhando assim, no âmago deste universo tão complexo, o nosso ponto de vista emerge deste olhar atento sobre a relação entre aquilo que aprendemos enquanto teoria da educação e a consonância ou dissonância entre essa mesma teoria com a prática implementada. No nosso entender, apesar das diretrizes dos documentos normativos educacionais se erguerem a favor de uma cidadania ativa com base no desenvolvimento de habilidades e competências por parte dos alunos, estes propósitos ainda se encontram debilmente desenvolvidos. Aliás, “A participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;” (Currículo Nacional do Ensino

Básico, p.15) constitui um dos princípios norteadores do Currículo Nacional do Ensino Básico¹ e, como tal, não deverá ser descurado pelas práticas docentes.

Ora, numa sociedade de informação como aquela em que nos encontramos e tomando em consideração esta perspetiva educacional mencionada, o desenvolvimento de níveis de literacia é fundamental, já que este potencia a formação de cidadãos ativos. Tanto mais que,

“Uma sociedade livre e democrática tem necessidade da vitalidade de cidadãos críticos e responsáveis, que questionem permanentemente o mundo em que vivem. Neste sentido, a literatura é fundamental no desenvolvimento do ser humano e, por isso, imprescindível para formar indivíduos aptos para a vida numa sociedade multicultural e em constante mudança e para o exercício de uma cidadania activa.”
(Magalhães, 2009: 71).

Deste modo, é urgente que o professor adopte uma verdadeira gestão do currículo flexível, levando os seus alunos a pensar de forma crítica e a construir o seu saber. Não basta, no entanto, asfixiar o desempenho docente de tantas expectativas, exigências, práticas e conteúdos, definindo o que deve ser feito no ambiente escolar, sem fomentar as reais oportunidades para que a educação se traduza, aconteça e permaneça segundo estes princípios. Argumenta-se, por isso, que a educação preconize a realização de aprendizagens significativas, resultante de um processo de construção pessoal dos conceitos, criando, assim, condições para que o aluno não reproduza apenas esses mesmos conceitos, mas, ao invés, seja capaz de relacionar e aplicar essas aprendizagens nas mais diversificadas situações da sua vida.

Nesta sociedade de informação, o devir que os meios de comunicação social proporcionam, podem representar concomitantemente uma das fontes de informação com maior potencial de difusão da informação pela população, assim sendo, e considerando a natureza deste tipo de abordagem, pensamos que um dos meios de comunicação passível de ser utilizado como um recurso promotor de aprendizagens

¹ Ainda que, o Currículo Nacional do Ensino Básico tenha sido revogado no dia 23 de dezembro de 2011 através do despacho 17169/2011, julgamos ser de suma importância a sua referência, uma vez que, aquando da iniciação deste estudo, este documento normativo ainda se encontrava em vigor. Para além disso o documento das Metas de Aprendizagem (que ainda se encontra em vigor) pretende clarificar o Currículo e uma vez que concordamos integralmente com esta conceção educacional, não poderíamos de forma alguma deixar de reportar-nos a este mesmo documento.

significativas e ainda promover a aquisição de uma literacia científica é o jornal. Contudo,

“Se, por um lado, os jornais podem contribuir para a formação de cidadãos cientificamente cultos no âmbito de uma educação formal em Ciências, por outro lado, para que os alunos sejam capazes de aprender a partir dos jornais, é necessário que a educação formal em Ciências os capacite a ler, ouvir e ver os assuntos científicos presentes nos média, e nos jornais, em particular, com uma atitude crítica e a aprender a partir dos mesmos.” (Wellington (1991) e Jarman & McClune (2007) citado por Guedes, 2007: 9 e 10).

Enquanto marinheiros de primeira viagem no que toca à docência e não querendo, de forma alguma, desvirtuar a essência desta linha educacional, pretendemos desenvolver um estudo que unisse todos estes princípios anteriormente descritos, por conseguinte, definiram-se, desde logo, um conjunto de objetivos a almejar no desenvolvimento desta nossa investigação, a saber:

- Mostrar o uso dos jornais enquanto recurso motivador e facilitador do processo ensino aprendizagem dos alunos;
- Potenciar hábitos de leitura nos alunos;
- Demonstrar como os jornais constituem uma fonte de informação riquíssima para a compreensão do mundo que nos rodeia;
- Utilizar recursos diversificados e potenciais promotores de estratégias de aprendizagem variada;
- Cumprir um dos papéis da educação histórica e geográfica no que toca à informação e fornecimento de fontes para a construção do pensamento crítico dos jovens.

Motivados por todas estas questões e pretendendo cumprir de forma mais profícua possível os objetivos traçados, um estudo desta natureza carece par além de toda a vasta panóplia de referenciais teóricos, um rigoroso estudo empírico no qual possam ser desenvolvidas técnicas que possibilitem a aferição destas nossas convicções e intenções. Assim sendo e, não esquecendo o caráter bidisciplinar deste estágio, o desenvolvimento deste trabalho empírico recaiu sobre a turma de 9º ano no caso da área disciplinar de História e a duas turmas de 8º ano no caso da Geografia. Na primeira situação, só havia uma turma de nono ano, como tal não foi possível alargar a amostra. A partir desta

amostra foram delineadas estratégias de trabalho que se basearam no tratamento e produção de artigos de jornal. Posteriormente, estes resultados foram alvo de análise de conteúdo com o intuito de dissecar os resultados obtidos, ambas as situações serão descortinadas mais à frente no desenvolvimento desta investigação.

Nesta encruzilhada teórica e empírica do estudo em causa, estruturamos o mesmo numa lógica sequencial dividida em duas grandes partes, uma ligada ao enquadramento teórico que servirá de base na preparação deste relatório, e uma outra subjacente ao enquadramento metodológico que dirá respeito ao estudo de caso realizado na escola já referida.

Na primeira grande trave mestra mencionada, apresentaremos um capítulo relativo à relação que se estabelece entre os media e a educação, ou seja, faremos uma abordagem ao papel que a escola deverá ter na sociedade atual, particularizando a literacia científica como um motor capaz de contribuir para a efetivação de uma educação orientada para a consciência crítica do aluno, a cidadania ativa, ou mesmo para a formação integral do aluno. Ora, a esse propósito será ainda desenvolvido um outro subcapítulo dirigido à importância dos hábitos de leitura, uma vez que, a leitura constituiu um dos indicadores da literacia. Aqui serão explanados alguns estudos referentes aos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e, até mesmo de estudantes de outros países, o que proporciona a confrontação de dados em larga escala. Dentro desta primeira parte, teremos também um segundo capítulo ligado ao uso do Jornal em contexto de sala de aula, já que nesta sociedade de informação em que vivemos, o jornal enquanto meio informal de aprendizagem poderá ser um meio promotor da literacia científica, mas também um instrumento facilitador do processo ensino aprendizagem. Neste sentido, salientaremos um pouco da sua história, da forma como são produzidos e das finalidades com que são redigidos, para passarmos posteriormente, às suas potencialidades enquanto recursos didático em contexto de sala de aula.

Quanto à segunda parte deste estudo, pertencente ao estudo empírico, será relatado todo o contexto em que se inseriu a aplicação do nosso estudo, dado que este é essencial e, até mesmo, determinante para todo o desenvolvimento do estudo. Por consequência, no primeiro capítulo faremos uma contextualização da iniciação à prática profissional, passando pela indicação de algumas particularidades da escola, como ainda pelo momento de seleção das turmas eleitas para efetuar as regências nas duas áreas disciplinares. Num segundo ponto, daremos início à descrição do objeto de estudo, no

qual esmiuçaremos as técnicas utilizadas para a recolha de dados, os recursos utilizados no âmbito da lecionação das aulas de aplicação do estudo, isto é, todo o processo operado para a sua aplicação, bem como toda a metodologia implementada para a obtenção e tratamento dos dados. Seguidamente, procedemos à análise, reflexão e tratamento das bases de dados concebidas a partir da metodologia implementada, a fim de verificarmos e salientarmos alguns aspetos específicos, fundamentais para o capítulo seguinte que corresponde às conclusões do estudo. Assim sendo, no quarto capítulo registaremos as conclusões apuradas com base na análise e interpretação dos dados realizados, atestando assim, o cumprimento dos objetivos traçados. Por fim, faremos uma descrição das referências bibliográficas utilizadas para este efeito.

Em jeito de conclusão, é a luz de um acervo de análises e reflexões de quem pensa a educação que todo o trabalho será desenvolvido, acreditando numa escola que recusa discursos destrutivos e derrotistas que, não raras vezes ouvimos proferir, mas pelo contrário, respira e emana felicidade e grande vontade de continuar a ser professor.

PARTE I

Enquadramento teórico

1. Os media e a educação

1.1. O papel da escola numa Sociedade de informação

Imersos numa voragem de acontecimentos, avanços e sensações, a vida das sociedades de hoje, baseada na constante e célere troca de informação, impõe por parte de cada indivíduo a transformação do olhar que projetamos sobre o mundo. Na realidade, a revolução tecnológica dos dois últimos séculos permitiu que este olhar fosse, agora, generalizado, isto é “Ser pessoa é ter curiosidade. (...) De repente, a curiosidade de cada um ficou disponível para o mundo inteiro” (Harold Kroto, 1996 citado por Mesquita, 2002: 2). De facto, a transmissão do conhecimento que, durante milénios, se afirmou pela oralidade e mais tarde, no século XV, pela escrita, protagonizou nos anos 70 e 80, uma realidade radicalmente díspar em virtude do desenvolvimento da informática e das telecomunicações que, para além de potenciarem um novo modelo comunicacional, ainda permitiram a insurgência de novos desafios de ordem educativa, social e cultural.

A vasta panóplia dos meios de difusão de informação de que hoje dispomos, seja a rádio, televisão, internet, os jornais ou até mesmo as revistas, tem contribuído para que aqueles que já nasceram envoltos desta rede globalizada, não pensem nem aprendam da mesma forma que as crianças de há vinte anos. Concomitantemente, a informação vai-se produzindo com aquilo que se passa próximo e distante de nós e, como tal, tudo nos pode parecer familiar. Contudo, se por um lado benfeitorizamos desta proliferação incomensurável de informação que tanto nos apraz, não menos verdade será referir que se torna de suma importância efetuar uma seleção profícua dessa mesma informação, para que, deste modo, não sejamos conduzidos para caminhos infrutíferos do ponto de vista do conhecimento científico. É, de facto, incontestável o potencial de difusão de informação que os meios de comunicação representam para a população e, evidentemente que na idade escolar surgem como um dos intermediários entre o conhecimento científico e os alunos. Porém a aquisição dessa informação deverá ser feita com as devidas prudências, “pois a produção das notícias envolve uma enorme variedade de propósitos, que não são explicitamente educacionais” (Jarman & McClune, 2007 citado por Guedes, 2007: 8).

Estamos, portanto, no advento da sociedade de informação que, entendida como as “imensas capacidades das telecomunicações derivadas da aplicação de novas tecnologias, que reduzem o planeta a um pequeno lugar, pleno de acontecimentos,

dobrados sob o peso de informações ininterruptas.” (Marques, et al, 1998, p.7), coloca assim, um novo paradigma societal a que a escola não poderá estar alienada. Mas, que novos benefícios poderão trazer os meios de comunicação de massas à escola? E de que forma deve lidar a escola com este novo paradigma societal?

Ora, numa sociedade profundamente marcada pelo desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, é fundamental preconizar uma educação orientada para a formação de um cidadão ativo, consciente e informado sobre o mundo que o rodeia, aliás, “(...) isolar a escola do mundo em que vivemos, é privá-la de uma ferramenta poderosa de promoção do saber e inovação e proceder à sua descaracterização de instituição que transmite, constrói e certifica saberes e prepara indivíduos para a vida activa.” (Mesquita, 2002: 10).

Naturalmente que as potencialidades das tecnologias de informação, no âmbito da aprendizagem escolar, abrem caminhos a novas metodologias e estratégias de aprendizagem que, nem sempre reconhecidas por unanimidade pela comunidade educativa, deverão ser alvo de reflexão por parte da mesma. É facto que a exígua familiarização com estas novas tecnologias por parte de alguns professores, que enquanto mediadores do processo ensino/aprendizagem detêm um papel fulcral nesta matéria, constitui, não raras vezes, uma barreira intransponível da aceitação e uso destes meios tecnológicos. Neste sentido, torna-se de sobejá importância desenvolver medidas de sensibilização, como também de familiarização com estas novas tecnologias, a fim de retirar a gestão mais eficiente e enriquecedora possível desses meios. Por parte dos estudantes, este problema não se coloca, já que, neste domínio as crianças e jovens são por norma bastante ágeis a lidar com as novas tecnologias. Contudo, parece-nos que a tónica do problema remete para a reduzida capacidade que a maioria dos alunos detém em fazer uso dessas ferramentas num crescendo da sua própria aprendizagem. Mais uma vez, a escola ocupa um lugar proeminente no sentido de ajudar os pais a educar os seus filhos para esta realidade, fazendo-lhes ver os objetivos e práticas educativas potenciadoras do conhecimento, de cidadania e de postura crítica. Trata-se, portanto, de visar um ensino perfilado por uma dimensão universal, perseguindo assim, um ideal que privilegia um leque vasto de competências, mas também um forte sentido de responsabilidade cívica. Quer isto dizer que, sendo veraz que vivemos numa sociedade cada vez mais competitiva e com necessidade de actualização constante, não poderemos esquecer que a “aquisição e manipulação de informação através de tecnologias

avançadas é, por si só, claramente insuficiente, até porque podemos ser pessoas muito bem informadas e, ao mesmo tempo, não-formadas.” (Marques et al, 1998: 41). Como tal, a escola não poderá esquecer o contributo grandioso que deverá desempenhar no desenvolvimento pessoal, social e cultural dos alunos, a fim de despoletar a formação de cidadãos ativos e conscientes do mundo que os rodeia, e nesse sentido, o desenvolvimento da literacia científica revela-se de máxima importância. Sendo assim, que relevância terá a literacia científica na educação?

1.2. Formação de cidadãos cientificamente literados

Partindo do pressuposto que a educação deverá estar entrosada com a realidade social e cultural em que o aluno se insere, deparamo-nos com a importância da literacia científica enquanto instrumento capaz de possibilitar esta mesma conexão.

Ao longo dos tempos, houve por parte da maioria dos países mas também das organizações internacionais (tais como, a OCDE, a UE), uma preocupação crescente em alargar a escolaridade ao maior número possível de pessoas, por forma a erradicar o enorme analfabetismo vivido por muitos países. Nessa senda foram numerosas as ações de fomento da alfabetização, de tal modo que, se disseminou a ideia de que nos países mais desenvolvidos esses problemas já se teriam extinguido. Porém, segundo Benavente et al. (1996), estudos realizados em França, nos Estados Unidos e Canadá demonstraram que, apesar da escolaridade obrigatória ter sido relativamente longa, havia proporções expressivas de população com dificuldades na utilização do material escrito. Ora, esta situação originou um novo tipo de analfabetismo caracterizado pela reduzida capacidade de participação na vida social justamente pela débil ligação entre as aprendizagens realizadas e respetiva aplicação à vida do quotidiano. Assim, a “(...) literacia – traduz a capacidade de usar as competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo.” (Benavente et al, 1996: 4), o que pressupõe que os níveis de literacia não possam ser inferidos em virtude dos níveis de escolaridades mas sim em consonância com o grau de exigência das sociedades num determinado momento.

Claro está que, as exigências da sociedade atual notabilizada pela tecnologia não passam pelo simples manuseamento de um computador, ou da navegação na internet, mas pelo uso crítico desse conhecimento adquirido nos mais diversos meios de comunicação de massa para benefício próprio ou da sociedade. Além disso, saberá um

jovem manusear um mapa aquando de uma visita turística a um local? Saberá aplicar operações numéricas a informação contida num cheque? Será capaz de ler e interpretar artigos de revistas ou jornais? Estará apto para preencher um formulário de IRS? Deste modo, o “uso de informação impressa e escrita que permita funcionar em sociedade, atingir objetivos pessoais, bem como desenvolver e potenciar os desenvolvimentos próprios” (Benavente et al., 1996: 6) torna-se fundamental para uma cidadania ativa e consciente, rejeitando assim noções reducionistas da alfabetização que se reporta à capacidade de assinar o nome. Por conseguinte, a aglomeração de saberes disciplinares é por si só escassa para lidar com a complexidade do mundo, sendo indispensável ser-se capaz de “transferir, de utilizar, de reinvestir, e por conseguinte, de integrar esses saberes e competências” (Perrenoud, 2005: 69 citado por Magalhães, 2009: 73). Por outras palavras, o desenvolvimento de competências que possibilitem, entre muitas outras coisas, a interpretação de diferentes tipos de textos através dos diferentes meios de comunicação de massas, possibilitará a adoção de uma postura crítica perante os diferentes temas da sociedade.

À luz desta conceção de literacia, importa também particularizar um outro conceito que surge no âmbito do domínio do próprio conhecimento científico, a literacia científica, que deve a sua disseminação aos educadores em Ciências, a partir da década de 50. Ora, esta conceção ainda não reuniu consenso quanto à sua definição, podendo ter diferentes significados para diversos autores e, nesse sentido a OCDE elaborou a sua própria definição. Assim:

“Knowledge for this definition of scientific literacy implies far more than the ability to recall information, facts, and names. The definition includes knowledge of science (knowledge about the natural world) and knowledge about science itself. The former includes understanding fundamental scientific concepts and theories; the latter includes understanding the nature of science as a human activity and the power and limitations of scientific knowledge.” (OCDE, 2006: 23).

Trata-se, portanto, de transpor a barreira da transmissão e acumulação do conhecimento científico para um patamar superior, em que o aluno se sente motivado a descobrir os processos internos da própria Ciência, mas também a utilidade desse mesmo conhecimento na sua vida quotidiana. Mais uma vez fica realçada a importância de formar cidadãos ativos, conscientes e informados com base no conhecimento que adquiriram.

“Pretende-se, assim, formar alunos capazes de entender, por exemplo, os assuntos com componente científica noticiados nos media, de apresentar um ponto de vista pessoal, devidamente fundamentado, sobre um determinado assunto científico-tecnológico e, possivelmente polémico, e de continuar a autoformação ao longo da vida.” (Millar & Osborne, 1998 citado por Guedes, 2007: 5).

1.2.1. Hábitos de leitura

Temos vindo a advertir para a responsabilidade que a escola deverá apresentar na formação integral do aluno, potenciando assim, o seu espírito crítico, de modo a que este detenha um papel ativo na sociedade em que se encontra inserido. Desta feita, ressaltamos o papel da literacia enquanto motor fundamental desta responsabilidade supramencionada, uma vez que esta se encontra intimamente ligada ao conhecimento, à comunicação em sociedades, como também às práticas sociais de cada indivíduo, aliás, “(...) o nível de literacia atingido por uma população pode ser tomado como barómetro do seu desenvolvimento científico, técnico e artístico, não porque tudo a ela se reduza, mas porque nela se manifesta de forma objectiva o progresso individual e social, em paralelo com as conquistas que o ensino e outras formas de comunicação do saber e do gosto implementam.” (Lages et al, 2007: 9). Neste âmbito, a leitura assume-se, indubitavelmente, como um dos indicadores do grau de literacia.

De facto, erroneamente pensaríamos se julgássemos que a leitura desenvolve exclusivamente a capacidade de expressão do indivíduo, pelo que esta constituiu não só, uma mais-valia para o incremento da capacidade intelectual, como ainda, se estabelece como um agente impulsionador da capacidade crítica do leitor. Quer isto dizer que, a “leitura revela-se catalisadora na libertação do pensamento e no desencadear de reflexões fundamentais, permitindo novos posicionamentos perante diversos aspectos e questões que afectam a humanidade.” (Magalhães, 2009:71).

Neste contexto, importa enlevar o primeiro estudo realizado em Portugal que utiliza uma metodologia de avaliação direta das competências de leitura, escrita e cálculo da população adulta (entre os 15 e os 64 anos). Neste estudo sobre a literacia em Portugal, produzido em 1996 e coordenado por Ana Benavente, foi desenvolvido uma metodologia múltipla que consistiu na aplicação um inquérito por entrevista direta a

uma amostra representativa da população que se encontrava entre os 15 e os 64 anos residente em Portugal (2449 indivíduos), mas também na realização de um conjunto de monografias sobre a literacia em determinados grupos e contextos sociais particulares. Esta amostra foi construída a partir do Inquérito ao Emprego que o Instituto Nacional de Estatística realiza regularmente. Desta feita, ficou comprovado que, do total de inquiridos apenas 9% dos indivíduos lêem em média um livro ou mais por mês e 70% nunca ou muito raramente faz. Relativamente às revistas, 35% das pessoas dizem ler uma revista por semana e 50% não lê ou muito raramente o faz. Quanto aos jornais, a situação agrava-se ainda mais, já que, apenas 19% da população inquirida indica ter hábito de ler um jornal diariamente, 45% diz ler jornais uma vez por semana e 40% raramente ou nunca o faz. Ainda na senda deste estudo, importa frisar que a leitura de livros revela-se escassamente exercitada para os indivíduos detentores do ensino básico e secundário, além de que, a leitura de jornais é mais susceptível de ser feita a partir do terceiro ciclo do ensino básico e a das revistas é mais intensa a partir do segundo ciclo do ensino básico. Sublinha-se ainda, a diferenciação entre sexos, pois os dados atestam que as mulheres lêem mais livros e revistas (40%), ao contrário dos homens que lêem mais jornais.

No ano 2000, o primeiro ciclo do Programme for International Student Assessment (PISA) produzido pela OCDE, um estudo internacional que almejou avaliar competências e conhecimentos de estudantes de 15 anos de 32 países (28 países membros da OCDE e 4 países não membros), incluindo Portugal, evidenciou uma elevada percentagem (52%) de alunos portugueses com níveis de literacia em leitura muito baixos, comparativamente à situação média no espaço OCDE (40%). Ainda nesta sequência ocorreu um outro estudo também no âmbito do PISA, em 2003, no qual ficou perceptível que quase não houve melhorias neste contexto.

Perante o papel categórico desta variável, mas também destes perniciosos resultados no programa PISA, a União Europeia e algumas organizações internacionais levaram a cabo um conjunto de medidas e de ações propulsoras da leitura enquanto prioridade política. Nesta perspetiva, a partir de Junho de 2006, foi lançado o Plano Nacional da Leitura no âmbito dos Ministérios da Educação, dos Assuntos Parlamentares e da Cultura, que “(...) visa essencialmente promover hábitos e competências de leitura nos cidadãos em geral, embora dando um enfoque prioritário nas crianças e jovens em idade escolar.” (Lages et al., 2007: 3). Pretende-se, portanto,

promover o gosto pela leitura a ponto de valorizá-la enquanto agente de desenvolvimento individual, mas também coletivo.

Os estudos já referenciados, promovidos pelo programa PISA (2007), foram aplicados aos indivíduos em geral, sendo posteriormente aplicados a alunos que frequentavam o ensino básico e secundário. No que toca ao primeiro caso de aplicação de estudos, aos indivíduos em geral, os resultados auferidos por estes estudos, nomeadamente inquéritos, indicaram que quase $\frac{3}{4}$ dos inquiridos não tinha lido livros não escolares ao longo da sua vida, mais de metade não tinha lido livros escolares e cerca de $\frac{1}{3}$ não tinha lido jornais ou revistas. Ficou ainda claro que a leitura é uma atividade mais comum nas raparigas do que nos rapazes, tanto mais que, tal como nos outros ciclos, elas lêem mais e gostam mais de ler. Quanto a conteúdos, os rapazes preferem maioritariamente a banda desenhada (56%), os policiais (50%) e os livros de aventura (43%). As raparigas apresentam maior dispersão de preferências, sendo os três géneros com maior percentagem de escolha a aventura (42%), os juvenis (41%) e o romance (40%). No que diz respeito aos estudos aplicados aos alunos que frequentavam o ensino básico e secundário, os dados revelam que até à data em que foi feito o inquérito, 16,6% terão lido mais de 50 livros e 28,9% entre 20 e 50 livros, o que perfaz um nível razoável de leitura, sobretudo se tivermos em conta que nestas respostas não estavam incluídos os livros escolares, os jornais e as revistas. Mais uma vez, a categoria que mais diferencia os sexos é a das obras literárias, com vantagem para as raparigas, que também ultrapassam os rapazes na leitura de livros escolares, profissionais, técnicos e científicos. Por outro lado, as raparigas manifestam práticas de leitura inferiores ao sexo masculino no que toca a jornais, especialmente desportivos.

Segundo Guedes (2007), um outro estudo presidido pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros – APEL, em 2005, que envolveu 1810 habitantes de Portugal continental e 190 das Regiões Autónomas, com idades superiores ou iguais a 14 anos, por meio de uma entrevista efetuada por contacto telefónico, reconhece que 91,35% dos inquiridos declaram ler livros, sendo os livros não escolares ou técnicos os mais lidos. Grande parte dos inquiridos (97,25%) declarou que costuma ler jornais ou revistas, estando o tempo médio semanal de leitura destinada à leitura de revistas ou jornais compreendido entre os 30 minutos e as duas horas.

Nesta sequência, Guedes (2007) cita um outro estudo consumado Castro & Sousa (2006) que, no decurso de um inquérito por questionário realizado a 1651 estudantes

oriundos de todo o país (538 alunos do 2ºCiclo do Ensino Básico; 596 alunos do 3ºCiclo do Ensino Básico e 517 alunos de Ensino Secundário), procuraram, entre outras coisas, apurar as atitudes dos alunos perante a leitura. Desta feita, constatou-se que a leitura é uma prática valorizada pelos alunos, ainda que esta mesma atitude decresça à medida que se progride na escolaridade. No que se refere ao género de livro preferencial dos inquiridos, os mesmos dizem ler com maior frequência livros de “Aventura” e de “Banda Desenhada”, apesar da referência a estes livros pelos alunos diminuir à medida que a escolaridade dos alunos aumenta, sendo os “Romances e novelas” os livros com mais referências pelos alunos do Ensino Secundário. Em relação à leitura de jornais e revistas, estes aferiram que os alunos têm uma maior predileção por meios de informação especializada (desporto e espectáculos), sendo os jornais de informação técnica e especializada os meios de comunicação menos escolhidos pelos alunos.

Analogamente, poderiam ser elencados muitos outros estudos prolíficos deste teor. No entanto, a leitura que nos parece clara, advinda desta sistematização de diversos estudos, indica-nos, de grosso modo que, quando equiparados com os restantes cidadãos europeus, os cidadãos portugueses apresentam hábitos de leitura inferiores aos mesmos. Mais ainda, as taxas de leitura de livros demonstram-se reduzidas, a par de uma diminuta percentagem de leitura de revistas e jornais, sendo que as mesmas intensificam-se com a progressão no grau de escolaridade. Além disso, denota-se também que, as mulheres têm maior tendência para ler revistas e os homens para jornais.

Estando, portanto, diante de resultados tão pouco auspiciosos, e sabendo nós que a sociedade atual se assinala pela necessidade de constante atualização de informação, não é possível deixar de questionar o papel da escola na formação de cidadãos conscientes e ativos. Com efeito, apesar dos esforços que as escolas, as bibliotecas, o Estado, através, por exemplo da criação do Plano Nacional da Leitura, têm dedicado à promoção do gosto pela leitura, ainda muito há a fazer para que esta valorização da leitura possa ser assumida por um número razoável de cidadãos, em particular dos mais jovens.

2. O uso do jornal em contexto de sala de aula

2.1. Breve história do Jornal e as funções da sua linguagem

Tal como já referimos anteriormente, a simplicidade com que nos nossos dias obtemos informação em constante atualização, contrasta com uma outra realidade vivida em séculos passados. Com efeito, durante milénios, o ato de ler e escrever constituía um privilégio das elites, ciosamente preservado pelas mesmas, e como tal, à informação não havia um acesso fácil.

Com a invenção da imprensa no século XV por Gutenberg, a informação começou a difundir-se por um maior número de detentores do saber, pois emergiu a possibilidade de mais rapidamente se poderem reproduzir livros, aliado a uma conseqüente redução do preço dos mesmos, permitindo assim, aquilo que vulgarmente denominamos por “democratização do saber”. Vejamos, por exemplo, o caso da difusão das revistas científicas que, segundo Tedesco (2004) citado por Ferreira (2010: 14), em 1900 eram à volta de 10 mil e, presentemente, já são mais de 100 mil. Note-se ainda que, em duas décadas (1960 a 1980) as publicações de História são mais numerosas do que toda a produção historiográfica anterior que data do século IV.

No caso dos jornais, a sua criação e proliferação também marcou uma outra etapa importante na divulgação da informação. Segundo Faria (1989), este surgiu em França, no século XVII, quando o jornalista Théophraste Renaudot editou, em 1631, a sua *Gazette de France*. Em busca da neutralidade e objetividade da informação jornalística, Renaudot procurou implementar uma comunicação de factos privada de afetividade, facto que nem sempre colheu agrado por parte de todos os leitores. Mais tarde, no século XIX, com a criação de agências internacionais de notícias que se proclamavam pela sua imparcialidade na informação, desde logo, desmentidas pela constituição das mesmas em grandes grupos económicos e políticos, fica, desde logo evidente, que se torna necessário perceber o modo como as notícias, nomeadamente as científicas são produzidas e quem está por detrás da elaboração das mesmas. Assim sendo, de acordo com Faria (1989), o texto jornalístico conhece diferentes jogos de linguagem com funções distintas, entre as quais: a função referencial, expressiva ou emotiva e conativa ou interpelativa. A primeira “é aquela que estabelece a conexão mais pura, mais direta entre o acontecimento e a notícia. É a função que narra o fato com a maior objetividade possível;” (Faria, 1989: 50). Por outro lado, a função expressiva ou emotiva encontra-se ligada ao objetivo de transmitir a emoção de quem fala, ou seja, “o redator toma posição

quanto ao fato, quando dá a sua opinião a respeito [...] mas ela pode estar dissimuladamente embutida numa aparente objetividade, de forma voluntária ou não.” (Faria, 1989: 63). Por sua vez, a função conativa ou interpelativa “visa influenciar o comportamento do destinatário. Ela leva o remetente a aprender a linguagem adequada para interessar o destinatário naquilo que ele está pretendendo comunicar.” (Faria, 1989: 71).

Além destes códigos e convenções próprios do tipo de escrita a utilizar, os jornalistas também trabalham diariamente sob imensas pressões relacionadas com o tempo, atrair público, entre outras, o que influenciando o conteúdo da notícia, poderá naturalmente contribuir para a distorção da mensagem da própria notícia, inculcando-lhe assim, um carácter sensacionalista. Visto, pois, que são inúmeros os constrangimentos sob os quais os jornalistas trabalham, o que define em termos mais precisos as notícias de um jornal é, de facto, as fontes a que os jornalistas recorrem, mas também os objetivos que estão na base da divulgação dessa informação. Aliás, “[r]egra geral, as notícias científicas são escritas por jornalistas generalistas ou especialistas numa determinada área das Ciências, ainda que estes últimos, normalmente, não tenham qualquer formação no âmbito da Educação em Ciências.” (Jarman & McClune, 2007 citado por Guedes, 2007: 29). Consequentemente, apesar de grande parte dos jornalistas recorrer a conferências, gabinetes de imprensa das universidades, para a redação de uma notícia, a maioria não tem qualquer formação em Educação, o que origina um desfasamento entre a escrita de um artigo científico e a escrita de um artigo de jornal. Aliás, segundo Gregory & Miller (1998) citado por Guedes (2007: 29) “(...) a linguagem dos artigos científicos (...) é escrito numa linguagem formal e procura transmitir objectividade e imparcialidade, evidenciando os factos (o que foi efectuado, quais os resultados obtidos e os processos que conduziram à obtenção dos resultados). Estes artigos são escritos por especialistas e dirigem-se, normalmente, a especialistas. (...) A linguagem das notícias da imprensa mais popular é caracterizada, pelos autores, como sendo mais imediata, positiva, activa e emotiva, sendo, por isso, mais cativante para o público a que se destina, um público mais heterogéneo e não especialista”.

Na verdade, estas alterações de linguagem resultantes da passagem da escrita de um artigo científico para um artigo jornalístico não se justificam pela perversidade de quem escreve, embora isso também aconteça, mas deve-se sobretudo, às convenções e regras jornalísticas associadas à popularização a que os textos jornalísticos devem

obedecer e que se aplicam a todo o jornalismo. Por outras palavras, a necessidade que o discurso jornalístico tem de chegar com alguma celeridade ao leitor, impõe que este tenha de ser, muitas vezes, modificada (por exemplo: retirada dos detalhes técnicos) para que se torne simples, objetiva e facilmente assimilada pelo leitor. Porém, não se pense com isto que um artigo científico também não sofre de alguma parcialidade por parte de quem o escreve, visto que há mais uma vez, a tomada de decisão “do próprio jornalista que decidiu qual o tema que valia a pena publicar, os factos que seriam incluídos, as fontes que seriam usadas (...)” (Guedes, 2007: 30). Por esse motivo a redação de uma notícia engloba continuamente os valores, mas também os desígnios de quem a redige.

Relativamente ao conteúdo científico em artigos de jornal, os estudos de Wellington (1991) citado por Guedes (2007) que incidiam sobre os jornais britânicos publicados durante uma semana, o autor constatou que as áreas científicas mais evidenciadas eram a ecologia, ambiente, nutrição, medicina, engenharia genética e poluição. A cosmologia, espaço, meteorologia e clima, inovações tecnológicas e computadores, também surgiram nos jornais analisados, se bem que com menor frequência. Verificou ainda que, os media apresentam as descobertas científicas de forma descontextualizada, na medida em que as apresentam como que surjam do nada e sem qualquer conexão com trabalhos anteriores. Porém, alerta que esta situação é uma realidade com que os alunos terão de lidar no seu quotidiano e, portanto, defende que será preferível confrontá-los desde logo com a mesma e prepará-los para agir sobre ela.

Neste âmbito, Jiménez (2004) citado por Guedes (2007), elaborou um estudo que pretendeu analisar o modo como as questões ambientais são abordadas na imprensa escrita galega. Para tal, o autor desenvolveu um estudo sistemático de textos publicados em cinco jornais representativos da imprensa galega durante o ano de 2002, nomeadamente, La Voz de Galicia, O Correio Galego, El Progreso, Laregion, Faro de Vigo, tendo examinado 1521 jornais, num total de 1815. Como o ano 2002 foi marcado pela catástrofe do Prestige, Jiménez constatou que, desde a data em que ocorreu a catástrofe (14 de Novembro de 2002) até ao final do ano, este assunto foi alvo de um grande número de notícias (33%). Outros assuntos, como a gestão dos resíduos urbanos, a problemática da pesca, os incêndios florestais, o abastecimento da água e o saneamento, são exemplos de outros tópicos ambientais noticiados, embora com menor frequência que o Prestige. Segundo a autora, os temas ambientais mais noticiados não

surtem, com frequência, na primeira página dos jornais, mas são precisamente aqueles sobre os quais mais se opina. Apurou ainda, que a informação relativa a questões ambientais surge, normalmente, descontextualizada e simplificada, a não ser quando são os próprios especialistas os autores das notícias.

Em síntese, urge a necessidade de dedicar um maior cuidado na publicação dos textos científicos e um maior entendimento e cooperação entre os jornalistas e os especialistas, visto que, são “(...) bastante incipientes as iniciativas, por parte das empresas jornalísticas, de implantação de programas “Jornal e Educação”. (Wolney, 2006: 28).

2.2. O Jornal como meio informal de aprendizagem

Ainda que comprovada que a redação de uma notícia é, inevitavelmente, fruto das intenções e propósitos do seu autor, os jornais, por constituírem uma fonte de informação constantemente atualizada, poderão ser considerados um recurso motivador e potenciador de aprendizagens significativas para a comunidade discente.

Na verdade, no decurso de uma leitura atenta aos princípios e valores orientadores do Currículo Nacional do Ensino Básico, encontramos a indicação de referenciais orientados para a produção de um conhecimento significativo para o aluno no sentido de fazer com que o ensino das disciplinas das várias áreas de conhecimento não seja apenas propedêutico. Ora, não querendo, de forma alguma, desvirtuar a essência desta política educacional, seria incoerente confinar o processo ensino-aprendizagem ao uso exclusivo do livro didático, na medida em que essa situação obstrui a capacidade do aluno em compreender as dinâmicas que perpassam os diferentes conteúdos ministrados. Face a esta situação,

“[u]ma das maneiras de concretizar o objetivo de proporcionar uma aprendizagem realmente significativa é levar a realidade para a escola, o que pode ser facilitado por meio da utilização do jornal na sala de aula, uma vez que ele nos dá importantes contribuições na medida em que traduz, para o grande público, as descobertas e avanços científicos, mostrando utilizações cotidianas dos conceitos da Ciência, lançando, muitas vezes, um olhar crítico sobre o papel da Ciência em nossa

sociedade, além de ser um veículo de divulgação e informação de fácil acesso pelos estudantes em geral.” (Wolney, 2006: 21).

Do mesmo modo que contribui para a concretização das aprendizagens, reduzindo assim, o fosso entre a escola e a realidade do mundo, esta fonte de informação também propicia a interdisciplinaridade “(...) já que cada disciplina encontra seu conteúdo representado nas matérias jornalísticas.” (Vieira, 2002: 1). Logo, a partir de uma notícia de jornal o professor poderá relacionar a mesma com as mais diversificadas temáticas da sua área disciplinar, ou mesmo confrontá-la com outras áreas do saber, suscitando debates e reflexões sobre o quotidiano.

Continuando na senda das virtudes do Jornal, McClune & Jarman (2004), citado por Guedes (2007), elencam ainda, um conjunto de características associadas à sua conceção que lhe confere uma excelente fonte de motivação dos alunos para o estudo das diversas áreas da Ciência. Referem, portanto, que os jornais são escritos de forma a obter e cativar o interesse do público; têm como ponto de partida os interesses e experiências dos leitores e, normalmente, usam uma linguagem facilmente perceptível ao leitor; geralmente põem em evidência os pontos de interesse; a história em causa é narrada de uma forma que a torna facilmente memorizada pelo leitor.

Para além de tudo isto, o uso do jornal suscita a aquisição de uma literacia científica por parte dos alunos, pois através dos mesmos, os alunos desenvolvem a capacidade de ler, ouvir e ver os assuntos científicos presentes nos meios de comunicação, em particular nos jornais, com uma atitude crítica e a adquirir conhecimentos a partir dos mesmos. Aliás, de acordo com Maarschalk (1988) citado por Guedes (2007: 10), estabelece-se uma relação de interdependência entre a aprendizagem informal das Ciências e o desenvolvimento de uma literacia científica nos indivíduos, pelo que, a aprendizagem informal das Ciências é, em simultâneo, uma consequência e uma condição imprescindível para o desenvolvimento de uma literacia científica que, por sua vez, pode advir das aprendizagens que os indivíduos realizam num contexto informal, ou a partir de fontes de aprendizagem informal, e é uma condição necessária para que os indivíduos sejam capazes de aprender Ciências a partir das fontes de aprendizagem informal.

Contudo, embora o jornal possa angariar em si este conjunto de apanágios, de todas as fontes informais de aprendizagem, este é aquele que menos capacidade tem de seduzir particularmente o público jovem, muito devido à sua aparência. De facto,

conforme nos diz Wolney (2006), o uso do jornal na sala de aula não constituiu uma situação inédita, pelo que a sua utilização pedagógica já decorre desde 1932, com o *The New York Times*, nos Estados Unidos. Além disso, estas ações são bastante comuns na Europa, sendo exemplos disso a Suécia, Dinamarca e Noruega, países em que 100% dos jornais possuem programas educacionais. Como tal, o que importa equacionar e é realmente novo neste contexto é, sem dúvida alguma, o estudo de estratégias que possam despertar nos alunos maior interesse pela sua leitura e deste modo, amplificar o impacto da inserção deste recurso em contexto de sala de aula.

Sob o ponto de vista de Jarman & McClune (2004) e Wellington, (2000) citado por Guedes (2007), poderá ser desenvolvida um conjunto de atividades que podem estimular o interesse dos alunos no uso do jornal, distinguindo assim: a introdução de determinado conteúdo temático por meio de uma polémica; resolução de exercícios de compreensão, com base na leitura e interpretação de um artigo; debates ou jogos de papéis sobre um tópico problemático, em que as notícias podem funcionar como um estímulo para a aprendizagem; jogos de leitura (por exemplo, identificar palavras, cujo significado ninguém conhece e, posteriormente, analisá-las e contextualizá-las); e por fim, a análise da terminologia científica presente num artigo de jornal, como trabalho de casa. Ora, tal como vimos anteriormente, sempre que necessário, o professor deverá ter o cuidado de contemplar uma série de medidas que visem aumentar a atratividade do jornal, por forma a maximizar as suas potencialidades que são múltiplas.

2.3. O Jornal enquanto recurso didático

Mesmo que o profissional que trabalhe com jornalismo científico não tenha, na maioria das vezes, formação em ciência, temos vindo a conferir que os meios de comunicação, em particular o jornal, procuram transmitir numa linguagem acessível ao leitor as transformações e fenómenos que ocorrem na sociedade contemporânea. Deste modo, os meios de comunicação têm vindo a dedicar cada vez mais espaço aos temas ligados à ciência e tecnologia.

Não obstante, em contexto de sala de aula e dada a diversidade de notícias que abundam, nem sempre é fácil efetuar uma seleção de uma notícia que vá de encontro aos objetivos delineados pelo professor no âmbito dos conteúdos que pretende tratar.

Aliás, é certo que muitas notícias veiculadas pelos meios de comunicação nem sempre se encontram corretas do ponto de vista científico e, conseqüentemente, o professor deverá estar alerta para esse tipo de situações, pois caso tal não aconteça a "falta de percepção, pelo professor, desta situação de comunicação deficiente, alimenta no aluno aqueles esquemas, ou pode mesmo dar-lhes origem, levando ao desenvolvimento da "ciência do aluno", de erradicação muito difícil". (Leite e Almeida, 2001 citado por Wolney, 2006: 24).

Com base num estudo que tinha como principal intuito demonstrar que a utilização do jornal no processo de ensino aprendizagem contribui para a educação para a cidadania dos alunos, Vieira (2002) recolheu dados de um inquérito aplicado a 244 alunos do ensino básico e secundário e 15 professores (coordenadores pedagógicos e membros do programa "Jornal na Escola"), que faziam parte de 14 escolas dos municípios de Santos, São Vicente e Praia Grande (Brasil). Do mesmo, os estudantes declararam que as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Biologia, História e Geografia compreendiam aquelas que mais utilizam o jornal em sala de aula ou o indicam para desenvolverem atividades extracurriculares, como por exemplo os trabalhos de pesquisa. Os resultados demonstraram ainda que, os artigos jornalísticos também são utilizados nas aulas de História e Geografia para debaterem temas relacionados com a violência urbana, cidadania, cultura e a situação geoeconómica mundial. Aliado a isso, a autora deste estudo diz-nos também que, professores e alunos identificam a utilização do jornal em sala de aula como um instrumento que contribui para fomentar a formação para a cidadania por meio de debates sobre os problemas políticos, sociais, económicos e culturais que aparecem nas notícias jornalísticas e temas abordados em sala de aula. Nesta linha de pensamento, os docentes acrescentaram também que as vantagens da utilização do jornal na sala de aula estavam ligadas ao facto de estarem, concomitantemente, a usar textos atuais, material didático com uma maior dinâmica dos conteúdos escolares e aproximarem esses mesmos conteúdos à realidade do aluno. Todavia, o excesso material (vários números de jornais) levado para as aulas foi apontado como o principal inconveniente da utilização de jornais nas aulas.

Nesta dimensão, Halkia (2003) citado por Guedes (2007) aplicou um questionário a 72 professores do ensino secundário e a 82 professores do ensino básico que lecionavam em escolas de Atenas (Grécia), que procurava responder às seguintes questões: Que hábitos de leitura tinham os professores relativamente à imprensa?; Quais

eram as atitudes dos mesmos face aos artigos científicos publicados? Como se caracterizavam as atitudes dos professores relativamente a quatro artigos científicos publicados no mesmo dia, em quatro jornais de grande difusão nacional. A partir do mesmo, Halkia constatou que a grande maioria dos professores lia jornais (36,8 % diz ler jornais todos os dias e 48,7% refere ler jornais todos os domingos); 85,5 % dos professores menciona ler revistas que abordam uma grande variedade de temas, especialmente quando guarnecidos por uma boa fatia de imagens, como sendo o caso da revista National Geographic (tradução grega); a maioria dos professores referiram usar artigos científicos nas suas práticas educativas, valorizando os jornais enquanto fonte de informação repleta de conteúdos científicos de fácil compreensão para o leitor. Relataram também, que os jornais eram utilizados nas aulas fundamentalmente para motivar os alunos para o estudo de um novo tema, dado que, aqueles apresentam os conteúdos científicos de uma forma mais atualizada e atrativa que os manuais escolares. Por isso mesmo, o estudo em causa evidenciou ainda que as secções dos artigos que os professores mais selecionam para utilizar nas aulas são aquelas que têm maior probabilidade de chamar a atenção dos alunos, muitas vezes ligados àqueles que utilizam uma linguagem e um grafismo que tornam o conhecimento científico mais inteligível. Por fim, a autora do estudo identifica através do mesmo que os professores vêem os jornais, não só como um recurso didático, como também uma fonte de conhecimento científico, a partir da qual eles próprios podem aprender.

Para além de todas as potencialidades apontadas nestes estudos, “[c]omparar o modo como um assunto concreto é tratado em diferentes jornais durante certo período, analisando a imprensa nacional e/ou a imprensa estrangeira (...) tem a vantagem de transmitir aos jovens e aos professores uma dimensão planetária da informação, o que permite também verificar, por si mesmo, que a informação é um fenómeno construído por pessoas para outras pessoas.” (Abrantes, 1992: 66).

Em síntese, corrobora-se mais uma vez, o interesse que os jornais poderão deter enquanto recurso didático promotor de aprendizagens significativas, mas também potenciador de uma educação dirigida para formação de cidadãos ativos e críticos.

PARTE II

Enquadramento Metodológico

1. CONTEXTO

Partindo da necessidade de repensar a educação, admitindo que nesta emerge um novo paradigma que preconiza o desenvolvimento de competências e habilidades capazes de despertar no aluno a sua consciência crítica, o trabalho que temos vindo a desenvolver valida o uso do jornal enquanto meio facilitador desta perspetiva educacional. Conquanto, para além de todo este enquadramento teórico já desenvolvido, interessa agora abordar uma outra componente relativa à operacionalidade da problemática em causa, reportando em si métodos e técnicas que planeiam dar resposta aos objetivos e hipóteses formuladas no início deste relatório. Efetivamente, toda a investigação científica, independente da área, tem como objetivo conhecer melhor uma determinada realidade, sendo por isso absolutamente necessário engendrar um conjunto de métodos e técnicas que se complementem e convirjam no caminho que norteará o sucesso da investigação. Dessa maneira, este segundo capítulo dará lugar à explanação de todo o percurso metodológico aplicado neste estudo, enquadrando-o assim, num conjunto de características muito particulares. Todavia, ainda antes de passarmos a este percurso metodológico propriamente dito, interessa compreender toda a conjuntura na qual o presente estudo foi colocado em prática.

Tal como já foi mencionado anteriormente, o relatório em causa surgiu na sequência da minha condição de aluna do 2º ano de Mestrado de Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do EB e ES, do qual faz parte o processo de Iniciação à prática profissional que, no nosso caso particular, se cumpriu na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves. Com efeito, com a publicação do Decreto-lei n.º 43/2007, no âmbito do processo de Bolonha, começou a vigorar o novo modelo de formação inicial de professores de História e Geografia do 3.ºciclo do ensino básico e do ensino secundário, decretando que esta formação funciona como um segundo ciclo profissionalizante de dois anos para aqueles que já detêm uma licenciatura de três anos, dois anos da sua licenciatura numa das áreas (*major*) e um terceiro ano na outra área (*minor*). Desta feita, o primeiro ano deste segundo ciclo profissionalizante é composto por um leque de unidades curriculares direcionadas para a teoria das práticas letivas, sucedendo no segundo ano, a Iniciação à Prática Profissional na qual se insere o estágio que efetuei na escola já referenciada e, conseqüentemente, o presente relatório de estágio.

Sendo assim, este estudo, para além de todo o processo científico que lhe é intrínseco, encerra em si um outro lado exploratório traduzido na narrativa reflexiva desta experiência inédita sobre a nossa capacidade profissional enquanto docente. Pretendemos, portanto, através desta experiência, pôr em prática algumas atividades com os alunos que dessem resposta aos objetivos traçados no início deste projeto, não obstante, ainda antes de explicar esse percurso metodológico, importa agora consumir uma breve caracterização da escola, bem como das turmas com as quais trabalhamos.

a) Caracterização da Escola

De encontro ao que já foi referido anteriormente, a nossa iniciação à prática profissional decorreu na escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, localizada em Valadares, numa área próxima da confluência com Vilar do Paraíso, da qual provêm sessenta e cinco por cento dos alunos que a frequentam, servindo ainda a nível escolar, as populações da Madalena e de Gulpilhares, incluindo os lugares de Francelos, Aguda e parte de Miramar, entre outras. A vila de Valadares, antes denominada de “*o vale dos ares*”, pelas suas características de clima ameno e por uma extensa orla marítima, funciona, concomitantemente, como um pequeno núcleo urbano de dormitório da cidade do Porto inserido no concelho de Vila Nova de Gaia, um dos mais populosos de Portugal. Por isso, as acessibilidades rodoviárias e ferroviárias ao local são boas e o estabelecimento está inserido num contexto predominantemente costeiro e urbano, com várias instituições públicas, culturais e desportivas.

A sua expansão ao nível dos setores secundário e terciário afirmou-se ao longo dos anos, contribuindo assim, para uma diminuição gradual do setor primário. Porém, uma crise económica tem colocado elevado número de pessoas no desemprego, facto que justifica a heterogeneidade dos alunos bem marcada tanto a nível social como económico.

No que toca à comunidade escolar, a escola oferece um ensino regular no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, assim como Cursos Profissionais, Cursos de Educação e Formação, Cursos de Educação e Formação de Adultos com certificação escolar e dupla certificação. Perante esta diversidade de ofertas no plano educacional, torna-se evidente que esta instituição vai ao encontro das necessidades atuais da população que pretende servir. A escola apresenta um grupo docente estável, ativo, cooperante e com espírito de entreajuda que, em conjunto com o pessoal assistente

operacional e administrativo, proporciona um ambiente agradável e convidativo à frequência escolar. Por seu lado, a comunidade discente encontra-se em número proporcional ao das instalações da escola e são provenientes de diferentes realidades sociais.

Como meta para uma melhoria substancial no processo ensino-aprendizagem, registam-se alguns dos objetivos a alcançar no futuro: Redução dos incidentes disciplinares assinalados em 10% média/ano; Melhoria das taxas de entrada de alunos internos candidatos ao ensino superior, em 5% média/ano; Obtenção de taxas de sucesso (transição e conclusão) dos alunos dos Cursos Profissionais em, pelo menos, 95%, por turma.

Quanto às infra-estruturas deste estabelecimento de ensino, pode dizer-se que este tem capacidade para lecionar a 65 turmas, distribuídas pelos diferentes níveis, dado que, fruindo de uma intervenção de renovação da escola findada no ano letivo 2010/2011, esta detém agora instalações novas com áreas de recreio, lecionação e administrativas dispostas de forma harmonizada e também material didático adequado às novas necessidades em termos de tecnologias de informação e comunicação, cujo objetivo é proporcionar aos alunos boas condições que os motive a fazer parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

b) Caracterização das turmas

Posto isto, debruçemo-nos agora, sobre algumas particularidades das turmas às quais tive o privilégio de lecionar, quer ao nível da área disciplinar de História quer ao nível da Geografia.

No caso da primeira situação, sob a orientação da professora Anabela Prata, do leque de escolhas que interpolava entre o 7º, 9º e 11º anos, optei por trabalhar com a turma do 9º D, uma vez que, tendo-nos sido dada total liberdade de escolha, os conteúdos estabelecidos para esse ano curricular permitiam uma melhor oportunidade de implementação da metodologia em sala de aula que pretendia trabalhar, o uso de notícias de jornal como meio facilitador do processo ensino-aprendizagem, assim como promotor da consciência crítica dos alunos. Constituindo, de facto, temas mais contemporâneos, seria mais acessível a recolha de notícias de jornal que retratassem temas da História de 9º ano e, poderiam também, despertar maior interesse por parte do aluno na sua discussão e aprofundamento do conhecimento.

Esta turma em particular do 9º D de reduzida dimensão, constituída por 21 alunos, dez indivíduos do sexo feminino e onze do sexo masculino, mostrou-se, desde sempre, muito empenhada, simpática e participativa em sala de aula, facto que em muito contribuiu para a criação de um ambiente salutar entre professora e alunos. Assim se compreende que não tivesse havido qualquer constrangimento disciplinar a assinalar.

Relativamente ao enfoque socioeconómico da turma, a proveniência destes alunos é na sua maioria Vilar do Paraíso, sendo os restantes de Francelos, Madalena e Gulpilhares. As habilitações literárias do agregado familiar variam entre o ensino básico correspondente a 30%, o ensino secundário a 50% e, por fim, o ensino superior que corresponde a 20%. Deste modo, há o predomínio dos setores de atividade secundário e terciário, sendo importante referir que três elementos do agregado familiar (três mães) se encontram desempregadas. Por conseguinte, a situação económica destes alunos não é muito elevada, encontrando-se num patamar intermédio.

Por sua vez, na área disciplinar de Geografia, sob a orientação da professora Isabel Ribeiro do leque de escolhas que variava entre o 8º, 10º (Curso Profissional) e 11º (Curso profissional) anos, optei por trabalhar com as turmas do 8º D e 8ºC, uma vez que, tendo-nos sido dada total liberdade de escolha e tendo eleito uma turma de básico no caso da História, considerei mais coerente trabalhar apenas com básico por forma a obter uma homogeneidade na metodologia aplicada neste trabalho. Convergindo com o facto anteriormente descrito, esta situação permitir-me-ia cruzar dados e estabelecer relações entre estes dois objetos de estudo, a fim de atingir conclusões com a maior fidedignidade possível. A turma em causa do 8º D de média dimensão, constituída por 24 alunos, catorze indivíduos do sexo feminino e dez do sexo masculino, mostrou-se, desde sempre, simpática e participativa em sala de aula, contudo alguns elementos da turma demonstrava, não raras vezes, um comportamento perturbador em sala de aula. Ao longo do ano letivo, em virtude de alguns processos disciplinares a que estes alunos estiveram sujeitos, verificou-se uma melhoria de comportamento e atitudes por parte destes alunos. Aliás, com os elementos do núcleo de estágio em particular nunca houve qualquer constrangimento merecedor de medidas disciplinares. Neste âmbito, importa ainda realçar que os encarregados de educação demonstravam interesse em acompanhar o percurso escolar dos seus educandos. Ora, todo este panorama fazia refletir-se na avaliação positiva dos alunos nos mais diversos documentos avaliativos, pois regra geral obtinham resultados bastante satisfatórios.

Relativamente ao enfoque socioeconómico da turma, a proveniência destes alunos é na sua maioria Vilar do Paraíso, sendo os restantes de Francelos, Madalena e Gulpilhares. As habilitações literárias do agregado familiar variam entre o ensino básico correspondente a 40%, o ensino secundário a 30% e, por fim, o ensino superior que corresponde a 30%. Deste modo, há o predomínio dos setores de atividade secundário e terciário, sendo que, a situação económica destes alunos não é muito elevada, encontrando-se num patamar intermédio.

Por seu turno, a turma do 8ºC de elevada dimensão, constituída por 27 alunos, onze indivíduos do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino, mostrou-se, desde sempre, simpática e participativa em sala de aula, contudo alguns elementos da turma evidenciava um comportamento bastante perturbador em sala de aula. Importa, no entanto, fazer aqui algumas distinções entre alunos extremamente participativos e empenhados, embora portadores de um comportamento perturbador em sala de aula, e alunos que para além de perturbarem não demonstravam qualquer interesse na disciplina. Por consequência, ao longo do ano letivo, a turma em causa sofreu diversos processos disciplinares, ainda que com o núcleo de estágio em particular, nunca tivesse havido qualquer constrangimento merecedor de medidas disciplinares. Neste contexto, importa ainda destacar que os encarregados de educação demonstravam interesse em acompanhar o percurso escolar dos seus educandos. Apesar do panorama não se mostrar nada animador do ponto de vista do comportamento e atitudes de alguns alunos, em geral a avaliação dos alunos nos mais diversos documentos avaliativos manifestava-se positiva, pois regra geral obtinham resultados satisfatórios.

Relativamente ao enfoque socioeconómico da turma, a proveniência destes alunos é na sua maioria Vilar do Paraíso, sendo os restantes de Francelos, Madalena e Gulpilhares. As habilitações literárias do agregado familiar variam entre o ensino básico correspondente a 65%, o ensino secundário a 30% e, por fim, o ensino superior que corresponde a 5%. Deste modo, há o predomínio dos setores de atividade secundário e terciário, sendo que, a situação económica destes alunos não é muito elevada, encontrando-se num patamar intermédio.

Ora, é justamente às turmas anteriormente caracterizadas que recaiu o nosso estudo empírico, como tal são elas os pilares desta nossa investigação que pretende ser o mais clara e profícua possível no que toca aos objetivos que lhe subjazem.

2. OBJETO DE ESTUDO

Na sequência do que temos vindo a tratar, e tendo em atenção os objetivos propostos para este trabalho, começamos por conjecturar uma metodologia de trabalho que fosse útil à consecução do nosso estudo. Deste modo, procurando validar o jornal enquanto recurso facilitador do processo de ensino aprendizagem e promotor do desenvolvimento crítico dos alunos, recorreremos, naturalmente, ao tratamento de notícias retiradas de jornais, mas também à produção das mesmas por parte dos alunos. Por conseguinte, os materiais de trabalho que fundamentaram a nossa investigação foram elaborados por nós, mas também produzidos pelos próprios alunos em todas as aulas que lecionamos com este intento. Queremos com isto dizer que, após uma longa reflexão sobre a metodologia a utilizar, concluímos que aquela que seria mais ajustada, tendo como referência o contexto acima descrito, seria a lecionação de uma temática recorrendo, numa primeira fase ao tratamento de notícias e num momento posterior à produção de uma notícia, tudo isto através de fichas de trabalho devidamente orientadas neste sentido.

No que toca ao período de aplicação do estudo, foi colocado de parte, desde o primeiro momento, o primeiro período, uma vez que este constituiu uma etapa de adaptação, para além de ainda nos encontrarmos numa fase pouco avançada no que respeita à definição e estruturação do trabalho a desenvolver. Portanto, das restantes opções acabamos por eleger, no caso da História, o terceiro período que, embora não sendo o preferencial da nossa parte, foi designado em virtude da incompatibilidade que existia em poder assistir, ou mesmo efetuar regência, na turma de 9º ano da História, dado que esta coincidia com uma das turmas de Geografia que lecionava (10ºL). Porém, sendo a turma de Geografia em causa uma turma pertencente ao Curso profissional de Turismo e, por isso mesmo, contempladora de um tempo letivo distinto das restantes turmas ordinárias, a partir do 3º período esta turma já tinha finalizado os tempos letivos destinados à Geografia, como tal, já estaríamos disponíveis para a turma de 9º ano de História. Ressalvo mais uma vez que esta turma de 9º ano era a única turma deste nível curricular de que a minha orientadora cooperante dispunha, logo também constituía a minha única opção. Relativamente à Geografia, o estudo supramencionado foi aplicado no 2º período.

Para além de todos estes constrangimentos, a aplicação do estudo implicou ainda, a escolha das temáticas sobre as quais iriam recair o dito estudo. No caso da Geografia,

foi selecionada a unidade didática: Atividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade, no qual se particularizou a temática relativa à agricultura portuguesa. Por seu turno, na área disciplinar de História, foi eleita a unidade didática: K – Do segundo pós-guerra aos desafios do nosso tempo, da qual se circunstanciou a temática – “Portugal do autoritarismo à democracia”.

Selecionadas as temáticas e a nossa amostra, impôs-se a preparação das planificações das aulas destinadas à aplicação do estudo que, evidentemente, constituía um dos maiores desafios deste trabalho. Com efeito, foi nesta fase que surgiram as maiores dificuldades, pois planificar implica, concomitantemente, a preparação científica, mas também a escolha de estratégias pedagógicas que virão a determinar a prática pedagógica.

Desta maneira, começamos por elaborar os materiais que seriam necessários à concretização da nossa investigação. Produzimos uma primeira ficha de trabalho individual que continha indicações sobre a leitura de uma notícia, previamente selecionada pela docente, da qual seria necessário indicar o nome do jornal do qual fazia parte a notícia, a respetiva data, título, retirar três palavras-chave da dita notícia e também redigir um pequeno texto com a opinião dos alunos relativamente à notícia apresentada. De seguida, os alunos agrupados em conjuntos de três/quatro elementos deveriam discutir os assuntos tratados nas suas respetivas notícias, pois havia em cada grupo notícias distintas. Na segunda ficha de trabalho, teriam que identificar três palavras-chave retidas das notícias que lhes foram fornecidas e, num momento seguinte, elaborarem uma notícia com base nas temáticas da Geografia ou da História que identificaram nas notícias tratadas anteriormente. Com este processo o aluno tem uma voz ativa no seu processo de aprendizagem, pois é-lhe dada a oportunidade de a partir de um meio de aprendizagem informal como é o caso do jornal, este analisar, discutir os assuntos ligados à História e Geografia numa perspetiva crítica e, deste modo, fomentar o seu espírito analítico. Com efeito, pareceu-nos absolutamente coerente e lógico esta opção metodológica que, embora compartida em duas partes, comportavam um sentido global e complementar que permitiria atingir os objetivos propostos para este trabalho.

a) Descrição do trabalho empírico realizado na área disciplinar de Geografia

Por forma a facilitar a compreensão do trabalho desenvolvido na área disciplinar de Geografia, daremos lugar a uma descrição pormenorizada do mesmo. Tal com já foi mencionado anteriormente, as turmas do 8ºD e 8ºC foram as escolhidas para aplicar o nosso estudo empírico que se realizou no dia 20 de março de 2012, numa aula de noventa minutos. A data da aplicação do estudo é a mesma, visto que ambas as turmas tinham aulas de Geografia no mesmo dia.

Conscientes da unidade didática em que a nossa aula se inseria – Atividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade, no qual se particularizou a temática relativa aos “à agricultura”, foi inevitável engendrar uma série de atividades que motivassem constantemente os alunos. Não obstante, sem nunca nos esquivarmos das intenções específicas de cunho científico que a aula em causa comportava, como seja a compreensão das potencialidades da agricultura portuguesa para o desenvolvimento económico do país e a reflexão sobre o papel dinamizador dos recursos endógenos de cada região (competitividade do sector agrícola) numa perspetiva de desenvolvimento sustentável, havia uma outra preocupação concernente com a estruturação de uma aula que assentasse no uso do jornal.

Portanto, logo após à planificação de aula que realizamos (ver anexo 1), procuramos fazer uma análise exaustiva de notícias úteis à temática que iríamos desenvolver a nossa aula, ou seja, pretendíamos encontrar artigos de jornal que abordassem questões ligadas à agricultura portuguesa. Contudo, interessava também que, esses tivessem uma grande difusão pela população e que fossem acessíveis, como é o caso dos jornais diários. De facto, estes jornais detêm um custo menos elevado que os semanários e alguns deles estão gratuitamente disponíveis para consulta num café, ou até mesmo em alguns locais de trabalho. Logo, a nossa opção recaiu sobre o Correio da Manhã e Notícias de Aveiro, já que segundo Marktest (2005) citado por Guedes (2007), a seguir ao Jornal de Notícias, o Correio da manhã é o jornal mais lido. Em resultado desta pesquisa, brotaram quatro notícias, três retiradas do Correio da Manhã, cujos títulos eram: “Governo dá terra a quem a trabalhar”, “Produção de legumes e frutas emprega 150 mil”, “Apostam na terra 4 jovens por dia” e uma outra emanada do Jornal Notícias de Aveiro com o título “Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos”.

No que se refere à primeira notícia, publicada no dia 8 de fevereiro de 2012 (ver figura 1), a preferência pareceu-nos pertinente, já que a partir da mesma os alunos poderiam tomar conhecimento de diversos aspetos importantes no âmbito do setor da agricultura. Evidencia algumas medidas tomadas pelo governo no sentido de estimular a agricultura portuguesa, alertando assim, para o facto do governo disponibilizar bolsas de terra para quem queira trabalhar nelas. Sublinha ainda, que Portugal começa a ter uma agricultura reconhecida pelo estrangeiro por ter belíssimos produtos. Neste âmbito, releva também que Portugal participou na maior feira mundial de frutas e legumes, através de 40 empresas associadas da Portugal Fresh, surgindo assim como um “belíssimo exemplo do profissionalismo e da agregação do sector”, dando “visibilidade” e “credibilizando” a “marca” nacional. Por fim, é-nos enlevada a posição de Assunção Cristas relativamente ao crescimento das exportações de frutas e legumes que para que esse crescimento se continue a verificar fará uma redução nas taxas alfandegárias. No fundo, a notícia em causa transporta o aluno para a realidade económica em que vive atualmente, como ainda aponta a importância do setor da agricultura na resolução desse problema. Por conseguinte,

“[o] jornal, pela sua agilidade, pelas características da linguagem utilizada e pela sintonia imediata com a realidade do ambiente à sua volta, pode constituir-se em um instrumento bastante rico no intuito de propiciar uma maior ligação entre a escola e a realidade que a cerca, pois possibilita levar a temática da vida cotidiana para dentro da sala de aula.” (Wolney, 2006: 16).

Quanto à segunda notícia apresentada (ver figura 2), publicada no dia 26 de novembro de 2011, é-nos dado a conhecer que o setor hortofrutícola é o maior gerador de emprego na agricultura, garantindo 150 mil postos de trabalho, sobretudo qualificado e jovem. Mais uma vez, é reiterada a importância do setor agricultura na remodelação da economia português.

Relativamente à terceira notícia (ver figura 3.), difundida em 25 de fevereiro de 2012, é enfatizado a crescente aposta dos jovens na agricultura, sendo também explicado alguns motivos responsáveis por tal facto. Faz referência ainda, ao PRODER, Programa de Desenvolvimento Rural, um aspeto que poderia suscitar o interesse dos alunos em querer saber mais sobre o mesmo. Como tal, mais uma vez se comprova que a partir de determinadas notícias é possível criar debates e discussões sobre assuntos que, de outra forma poderiam não ser abordados.

Figura 1

**CORREIO
da manhã**

Governo dá terra a quem a trabalhar

Os jovens que queiram dedicar-se à agricultura e não tenham terrenos poderão cultivar terras do Estado, no âmbito de um concurso que até Abril vai ser lançado pelo Governo, disse esta quarta-feira, em Berlim, a ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (MAMAOT), Assunção Cristas.

08/02/2012



Esta “bolsa de terras”, constituída por três mil hectares de terrenos espalhados por todo o País, poderá também ser usada pelos proprietários de parcelas confinantes. “Estamos a preparar o regulamento do concurso, que vai ser lançado o mais tardar em Abril”, disse a governante, adiantando que “vai ser dada prioridade aos jovens agricultores e também a quem tenha propriedades confinantes, para melhorar a dimensão das nossas parcelas”. Assunção Cristas, que falava no final da visita ao pavilhão de Portugal na Fruit Logistica 2012, disse ainda que o seu ministério está a “afinar a legislação relativa à constituição de uma bolsa de terras”, que incorporará as terras dos vários ministérios – “alguns nem sabem que têm terras que podem ser utilizadas pela agricultura” – para além dos três mil hectares que pertencem às direcções regionais de Agricultura.

Esta “bolsa de terras” poderá ainda ser aumentada com terrenos particulares que estejam ao abandono, sendo os seus proprietários “convidados a colocar as suas terras nesta plataforma informativa”, beneficiando de um desagramento fiscal”, ao nível do IMI rural. “Precisamos de estimular que terras que estejam abandonadas possam ser disponibilizadas e entregues a esta bolsa de terras”, salientou a governante, frisando que “a agricultura é, pode ser, tem de ser um sector estratégico para o futuro do crescimento económico do País”. Para isso, “temos de ser capazes de atrair pessoas mais novas e com mais conhecimento e mais vivacidade do ponto de vista empresarial”.

Na sua opinião, Portugal “começa a ser entendido como um País com boa agricultura e com belíssimos produtos que são apreciados no estrangeiro”. A participação de Portugal na maior feira mundial de frutas e legumes, através de 40 empresas associadas da Portugal Fresh, surge assim como um “belíssimo exemplo do profissionalismo e da agregação do sector”, dando “visibilidade” e “credibilizando” a “marca” nacional.

O aumento das exportações de frutas e legumes, que nos últimos dois anos cresceram dez por cento e este ano deverão atingir os mil milhões de euros, demonstram o “dinamismo” do sector, defendeu Assunção Cristas, que promete dar “um empurrão”, através do levantamento de barreiras alfandegárias.

“Contamos, no primeiro trimestre deste ano, elaborar um roteiro para a internacionalização e para a afirmação de Portugal, nomeadamente em mercados novos, e estamos a trabalhar muito estritamente com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e com a AICEP para se identificar os casos em que precisamos de trabalhar diplomaticamente para levantar barreiras alfandegárias, facilitando formas de os produtos poderem entrar nesses países”, explicou. Segundo a governante, “há situações em que há vontade, há mercado, mas há dificuldades”, que resultam de “barreiras próprias da legislação de vários Estados. Temos de identificar essas situações e apostar aí todas as fichas para equilibrar a nossa balança comercial”.

Fonte: <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/economia/governo-da-terra-a-quem-a-trabalhar-com-video>

Figura 2

CORREIO
da manhã

Produção de legumes e frutas emprega 150 mil

26/11/2011



Sector de frutas e legumes tem mão-de-obra jovem e qualificada

O sector hortofrutícola é o "maior gerador" de emprego na agricultura, garantindo 150 mil postos de trabalho, sobretudo "qualificado e jovem", disse ontem ao CM o presidente da Associação Portugal Fresh, Manuel Évora, adiantando que a produção de frutas, legumes e flores tem um potencial de crescimento "incrível", tendo em conta as características de clima e solo.

O ano de 2011 caracterizou-se por "altas produções", que foram acompanhadas por "maus preços" e por um "cruel abaixamento do consumo em Portugal" devido à crise, explicou Manuel Évora, adiantando que o sector está a apostar na exportação. Exemplo disso é a participação de 30 empresas, esta semana, na maior feira mundial de frutas e legumes, em Berlim.

Fonte: <http://www.cmjornal.xl.pt/noticia.aspx?contentID=E93E2DAA-71EA-47EB-9B14-84797E8FF563&channelID=00000011-0000-0000-0000-000000000011>

Figura 3

CORREIO
da Manhã

Apostam na terra 4 jovens por dia



A falta de trabalho nas cidades está a levar a que muita gente opte pelo regresso aos campos

Todos os dias, em Portugal, são aprovados quatro projectos de investimento a jovens agricultores no âmbito do PRODER, Programa de Desenvolvimento Rural.

Desde Maio de 2008, segundo dados do Ministério da Agricultura, já foram aprovados 5200 projectos, num investimento global de 305 milhões de euros.

"Nunca como agora se verificou tanto interesse no regresso à terra, a ponto de as direcções regionais de agricultura não terem mãos a medir na apreciação de projectos", disse ao CM um dirigente da Associação de Jovens Agricultores de Portugal (AJAP).

E as causas apontadas para esta corrida são duas: o aumento do desemprego e o facto de faltar pouco mais de um ano para o fim do prazo de candidaturas no

âmbito do actual Quadro de Referência Estratégico Nacional.

"O desemprego está a fazer com que as pessoas comecem a olhar outra vez para a terra, mas é preciso que o Governo aposte claramente no sector. Caso contrário, estaremos perante a criação de novos pobres", diz José Manuel Lobato, presidente da Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga.

Para este responsável, "a agricultura tem futuro, mas é preciso apoiar a exportação e acabar com esta guerra aberta da distribuição. A terra é um dos mais importantes sectores produtivos do País, mas tem de ser encarado como tal e não, como até agora, como um parente pobre". Plantações de pomares, de pequenos frutos, vinha e olival são, a par da criação de gado, as apostas dos novos agricultores.

Para José Martino, especialista em Agronomia, "o Governo devia dar mais atenção e incentivar com toda a energia esta onda de regresso à terra, promovendo o urgente rejuvenescimento da agricultura através de um eficaz meio de combate ao desemprego". Além disso, afirma ainda este especialista, "a agricultura é hoje, mais do que nunca, um sector de interesse estratégico".

Fonte: <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/exclusivo-cm/apostam-na-terra-4-jovens-por-dia-com-video>

Por último, a notícia retirada do Notícias de Aveiro (ver figura 4), publicada em 11 de janeiro de 2011, é um exemplo significativo de alguns produtos que estão a ser produzidos em Portugal com sucesso, pois têm vindo a produzir-se cada vez mais. A partir deste caso do mirtilo, os alunos poderão tomar consciência da realidade da agricultura portuguesa, das apostas que têm vindo a ser feitas e das suas potencialidades.

Figura 4

Notícias de Aveiro

Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos

11 Jan 2011, 09:36

Produção do mirtilo, feita em grande medida no Centro do País (Aveiro e Viseu), deverá quadruplicar nos próximos três a quatro anos.

Atraídos pelas boas perspectivas de rendimentos e incentivos disponíveis, quatro dezenas de jovens agricultores começaram a preparar culturas em Sever do Vouga, Viseu, S. Pedro do Sul, Vouzela Estarreja, Vale de Cambra e Águeda, entre outras localidades. O Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER) garante logo à partida um prémio de instalação de 40 mil euros, a fundo perdido, mais ajudas em 50% para encargos com compra de plantas, preparação de terrenos (mínimo um hectare), sistemas de regas, máquinas ou mesmo abertura de poços. A produção actual de mirtilos, na casa das 120 toneladas, deverá disparar, em 2014 para 400 ou 500 toneladas, sem receio de problemas de escoamento, atendendo à forte procura estrangeira (80%), mas também um “incremento muito significativo” do consumo nacional, até há poucos anos residual, diminuindo, assim, os custos logísticos. A baga de cor azul-ceroso, aromática medicinal, é conhecida pela sua riqueza em diversas vitaminas e tida como o fruto que contém mais antioxidantes, prevenindo, assim, sinais de envelhecimento.

Alternativa viável

A vila assume-se, de resto, como capital do mirtilo, que a feira anual dedicada ao fruto tornou ainda mais visível. O sucesso dos produtores, com investimentos globais que rondam 2,5 milhões de euros, serviu como exemplo a seguir em outras localidades. A produção do mirtilo, mas também de groselha e outras plantas aromáticas, está a fomentar o aparecimento de um ‘cluster’ em torno de pequenos frutos da Região Centro, sob a forma de “rede cooperante” para desenvolver o sector. Desde então, a produção deste fruto no concelho tem vindo a crescer em média 15% ao ano ocupando 35 hectares. Existe igualmente produção dos mirtilos no Alentejo (14 hectares há dois anos). O mercado europeu (França, Holanda e Bélgica) absorve grande parte do fruto nos meses de Maio/Junho de cada ano, antes dos demais concorrentes internacionais.

Fonte: <http://www.noticiasdeaveiro.pt/pt/20994/aumento-da-producao-de-mirtilo-impulsiona-cluster-dos-pequenos-frutos/>

Feita esta breve contextualização da preparação da aula, passemos então para a execução da mesma que se processou da mesma forma em ambas as turmas de oitavo ano.

A aula começou, como já era hábito, com o elo de ligação com a aula anterior e, para tal, a professora solicitava aos alunos que relembassem os aspetos já anteriormente tratados. Posto isto, a professora apresentou dois pequenos vídeos referentes ao caso de dois jovens agricultores portugueses, a partir do qual se exploram as principais características do estado atual da agricultura portuguesa.

Posteriormente, sucedeu-se à realização de um trabalho individual (ver anexo 2). Nesse momento, a professora distribuiu a cada aluno uma ficha de trabalho juntamente com uma notícia (o tempo estipulado para a tarefa foi de 20 minutos). Esta ficha solicitava a leitura e interpretação da notícia, e num segundo momento a redação da opinião de cada aluno sobre essa mesma notícia. Ora, deste modo, pretendíamos que os alunos tivessem contacto com as notícias, tratando-as, e posteriormente dessem a sua opinião de forma crítica, ou seja, construíssem uma opinião relativamente à importância da temática e a forma como foi tratada nesse mesmo artigo. Seguidamente, os alunos foram distribuídos em grupos de 4 elementos. Assim, o grupo teve 5 minutos para debater entre si, o trabalho que realizou anteriormente de forma individual, discutindo e debatendo os assuntos tratados nas suas respetivas notícias, pois havia em cada grupo duas notícias distintas. Esta situação pretendia que os alunos dessem a conhecer uns aos outros os assuntos trabalhados por eles e, deste modo, alargassem o seu conhecimento sobre a temática em causa.

Depois, foi distribuída aos alunos uma ficha de trabalho a realizar em grupo (ver anexo 3) que consiste na elaboração de uma notícia pelos próprios alunos (40 minutos). Para este efeito, os alunos deveriam encarnar o papel de jornalistas e redigirem uma notícia baseado no trabalho individual anteriormente efetuado. Por fim, foi feita a construção do sumário.

Partindo destas notícias e das fichas de trabalho produzidas, os alunos teriam que trabalhar assuntos de âmbito geográfico, para além de desenvolverem outras destrezas importantes, como seja o espírito crítico, hábitos de leitura e, conseqüentemente, o seu nível de literacia.

Por último, interessa salientar que, dos cinquenta e um alunos que constituíam as duas turmas, um dos alunos do 8^oC não esteve presente na aula, por isso, evidentemente que a nossa amostra ficou reduzida a cinquenta.

b) Descrição do trabalho empírico realizado na área disciplinar de História

Relativamente à metodologia de trabalho realizada na área disciplinar de História, a turma do 9^oD foi a escolhida para aplicar o nosso estudo empírico que se realizou no dia 31 de maio de 2012, numa aula de noventa minutos. Só foi possível fazer a aplicação do estudo nesta altura, dado que o tema que pretendíamos tratar constituía um dos últimos pontos programáticos, como tal a sua abordagem prolongou-se bastante no tempo.

O ponto de partida desta aula prendeu-se, necessariamente, com a estruturação de atividades que motivassem constantemente os alunos, entre as quais o uso de artigos de jornal, assim como a evidente preocupação em abordar o conteúdo científico que está subjacente a qualquer aula. Neste caso, procurávamos caracterizar o desenvolvimento económico vivido em Portugal, nas décadas de 60 e 70, e ainda explicar a permanência do regime autoritário em Portugal depois da 2^a guerra mundial.

Em vista disso, logo após à planificação de aula que realizamos (ver anexo 4), começamos por explorar notícias úteis à temática que iríamos desenvolver a nossa aula, ou seja, pretendíamos encontrar artigos de jornal que abordassem questões ligadas ao contexto político que se vivia nas décadas de 60 e 70, designadamente a questão da censura. Consequentemente, imbuídos nesta *encruzilhada indagatória*, acabamos por desembocar em vários *sites* de internet com diversas notícias de jornal da época que foram censuradas pelo *lápiz azul*. Neste sentido, ao contrário do que foi executado na área disciplinar de Geografia, recorremos a artigos de jornal da época a que se reporta o contexto histórico em análise. Estes jornais surgiram para preencher o vazio provocado pelo controlo da informação pela Censura, a partir de 1926, fomentando assim, a imprensa clandestina. Na verdade, consideramos que a utilização de artigos da época, seria uma mais valia, pelo que a análise e tratamento de artigos jornalísticos censurados acarretam em si uma carga simbólica de todo o contexto político-social vivido na época,

para além de traduzirem com maior fidedignidade os sentimentos e as realidades de quem vivia nesse tempo. De facto,

“A cultura midiática pode ser vista como um sistema cultural que envolve uma dimensão simbólica, que compreende (re)construção, armazenamento, (re)produção e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produz quanto para quem os consome.”
(Petarnella e Soares, 2007: 94).

Deste reportório de jornais clandestinos retiradas da Galeria virtual da Censura², foram selecionadas três notícias, uma retirada do “Jornal de Notícias” publicada em 16 de abril de 1974 (ver Figura 5), uma outra da “Voz do Povo” difundida em Julho de 1945 (ver Figura 6) e, por último, uma outra do jornal “Corticeiro” divulgada em Julho de 1965 (ver Figura 7.). No que toca à primeira notícia, há um singelo relato de uma situação de prisão de um Comandante da região do Porto. Relativamente à segunda, há uma exposição do ideal de liberdade que muitos portugueses tinham, pondo em causa o regime fascista que vigorava. No que se refere à terceira, há a exposição de uma situação de contesto por parte de trabalhadores fabris que reclamam salários e condições de trabalho melhores. Ainda que as temáticas tratadas nestas notícias se caracterizem pela sua simplicidade e refletoras de situações do quotidiano, estas espelham o contexto político, social e económico da época. Com efeito, com a exploração de notícias ambicionávamos que os alunos questionassem o significado do ato de censurar, neste caso a imprensa, permitindo assim, compreender todo o contexto da época, e ainda as razões que justificam a permanência do regime autoritário após a 2ª Guerra Mundial.

² A Galeria Virtual da Censura é um sítio da internet no qual poderemos ter acesso a histórias e testemunhos da forma como se vivia numa das épocas mais importantes da história portuguesa – Estado Novo. Aqui, poderemos encontrar diversa documentação importante, que nos transporta para esta realidade passada, como por exemplo: literatura, jornais, peças de teatro, livros, entre outros, todos eles censurados. É possível aceder a este *site*, em: <http://www.museudaimprensa.pt/galeriavirtualdacensura/>. Este *site* é da autoria de Luís Humberto Marcos (Diretor do Museu Nacional da Imprensa) e editado pelo Museu Nacional da Imprensa.

Figura 5

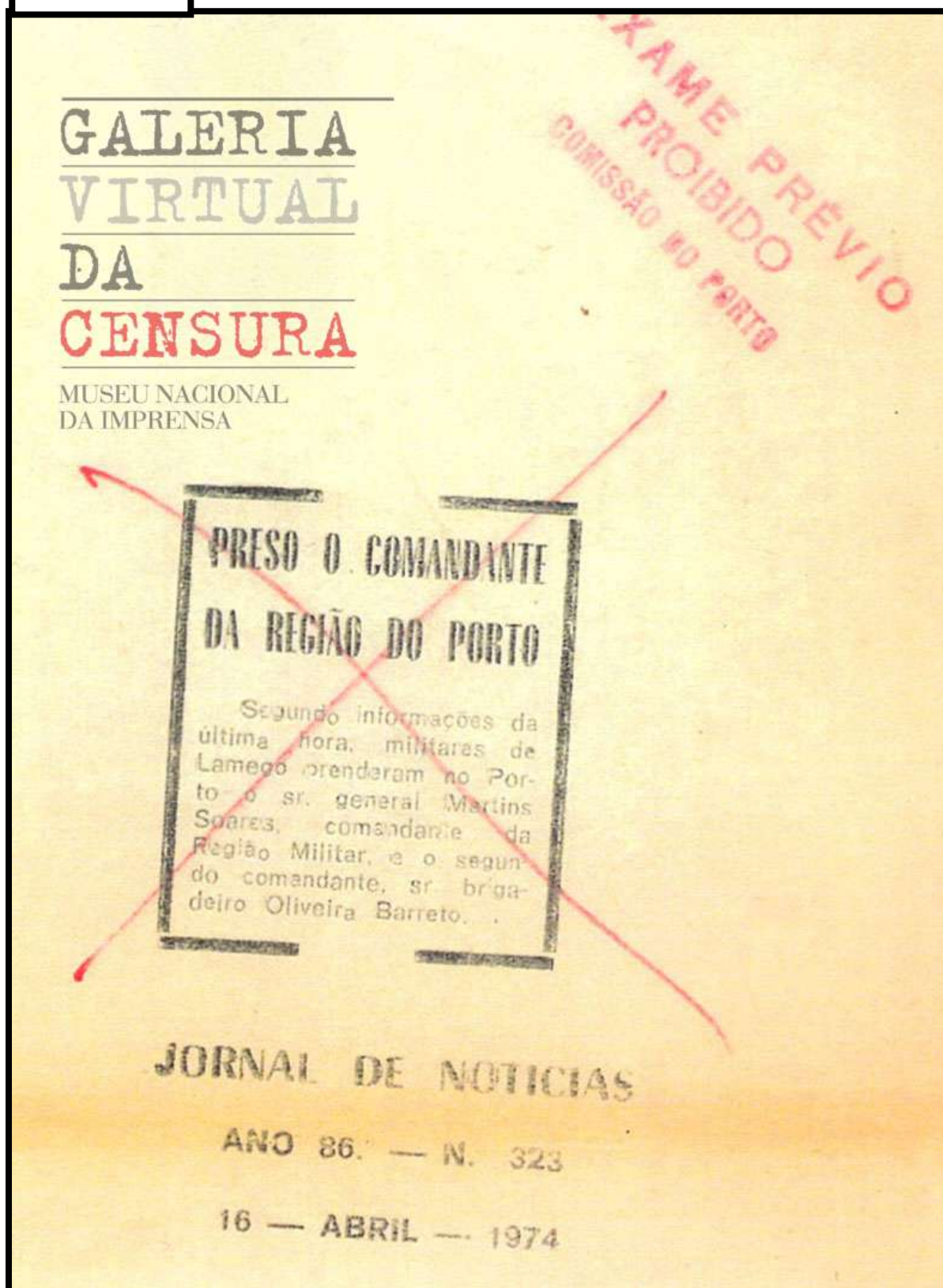


Figura 6

N. 12 LISBOA, JULHO DE 1945 — PORTUGAL 350

VOZ DO POVO

A Ignorância dos povos é a maior força dos tirânicos

Unidos, **CONTRA O FASCISMO — PELA DEMOCRACIA** ***

vencermos (Se as que produzem em benefício da Colectividade devem ser consideradas « VERDADEIRO POVO. »)

FASCISMO é o regime em que o povo é obrigado a dar e a pagar tudo, em troca duma permanente miséria.
O regime em que o povo, liberto de esgarças, comparte, não apenas dos sacrificios, mas também dos benefícios, é uma DEMOCRACIA

Um ano de combate anti-fascista

★ **CHINSURÁ**

Com este número completo « VOZ DO POVO » doze meses de labor contra o nazifascismo.
A importância dos acontecimentos ocorridos neste lapso de tempo alterou profundamente o aspecto geral da política em todo o mundo.
Mussolini e Hitler, que das suas capitais tinham feito as metrópoles do nazifascismo, desapareceram e com eles esses bastiões do terrível flagelo da Humanidade. Mas as lutas de opressão que encarnavam deixaram perigosos discípulos espalhados pelo mundo. Maquiavolicamente, com as suas faculdades e malandrinhas de tomarem a cor do ambiente em que teem de agir, transfiguram-se agora em « democratas » de varios tons.
As suas armas não são já a Luftwaff com que destruíram Guernica ou Coventry, nem exércitos mais ou menos regulares de camisas negras, castanhas ou azuis. Agora dispõem da intriga com que tentam semear a discórdia. Se o conseguissem ser-lhes-ia fácil voltar a dominar. E os campos de morte de Belsen, Buchenwalde, etc. seriam de novo os símbolos dessa estranha e macabra Kultura de extermínio.
Franco — o Sanguinário — e Salazar — o Sinistro — (como os seus comparsas da Argentina) dizendo-se agora « democratas » querem, por qualquer preço, que os seus sistemas de opressão subsistam — apesar de tudo.
Mas os povos da Península saberão mostrar aos seus repugnantes torturadores que as suas gloriosas tradições de amor pela Liberdade ainda desta vez não serão desmentidas.
« VOZ DO POVO » ao preparar-se para encetar o segundo ano da sua jornada anti-fascista, saúda todos os que, unificados pelo mesmo ideal de libertação nacional, sentem, como afirmou « Passionária » em 1936, que « mais vale morrer de pé do que viver de joelhos ».

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Do « Grémio Portugal Livre » recebemos, a propósito do nosso aniversário, a seguinte saudação:
« O „ Grémio Portugal Livre “ saúda « VOZ DO POVO » pela passagem do seu 1.º aniversário.
E ao recordar, com justo orgulho, que esse bastião anti-fascista teve a sua origem na modesta imprensa clandestina organizada em 1941 pelas suas secções « Antero de Quental », « Heliodoro Stigado » e « Magalhães Lima », faz votos para que a sua contribuição para a unificação da massa anti-fascista em breve seja coroada pelo ruir do fascismo vaticano de Salazar — o Sinistro.
Cordealmente retribuimos as saudações destes nossos amigos.

14 de Julho de 1789

A tomada da Bastilha pelo povo parisiense marcou o principio do ciclo revolucionário que imortalizaria a França como pátria da Liberdade.
Esse gesto simbólico, determinando o fim da era feudal, foi o marco inicial do advento da soberania popular.

Figura 7

« O CORTICEIRO »
TRANSCREVE O
MANIFESTO AS-
SINADO POR UM
GRUPO DE CORTICEIROS DA MARGEM SUL DO TEJO

CORTICEIROS DA MARGEM SUL DO TEJO!

FAÇAMOS DA NOSSA LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIO UMA LUTA CONSTANTE, UNIDA E FIRME!

A luta por aumento de salário, contra a carestia da vida, contra o desemprego e contra a intensidade de trabalho que os patrões nos impõem, deve transformar-se numa luta de toda a classe.
Os salários que recebemos, dado o constante aumento do custo de vida são verdadeiros salários de fome. Os patrões, com o consentimento dos dirigentes dos organismos corporativos, lançam mão dos mais infames processos de exploração para abastentarem os seus lucros e nos roubarem o pouco a que já temos direito. Despedem-nos só pelo simples facto de pedir-mos aumento de salário; despedem-nos, inclusive só por um dia, para que percamos o direito às férias; multam-nos e castigam-nos por tudo e por nada. O que eles não querem, é ver os seus enormes lucros reduzidos.
Sempre que, com a nossa luta, os obriguemos a aumentar os nossos magros salários, esses aumentos de já estarem ultrapassados pelo aumento do custo de vida, são acompanhados de novas normas de produção com vista a uma maior produtividade em seu benefício. Raros têm sido os aumentos salariais, que tenham ultrapassado os 10%, mas, em contrapartida, o aumento da produtividade, com o mesmo número de operários, oscila entre os 30% a 80%.

Estes miseráveis aumentos e esta infame exploração de que somos vítimas mostra-nos bem que temos que ser mais constantes, unidos e firmes na luta contra os nossos exploradores.

Alarguemos a nossa unidade de acção!
Recorramos a formas mais enérgicas de luta!
Desde Março deste ano, que a Margem Sul do Tejo e que as CO-

Feita a justificação das nossas escolhas no que respeita às notícias utilizadas na aplicação deste estudo empírico, impõe-se forçosamente, a explanação da execução da aula.

O início da aula inaugurou-se com a apresentação da situação-problema da aula, contextualizando os alunos sobre os assuntos que iam ser tratados. Posto isto, a professora exibiu um diaporama, a partir do qual se lança a primeira questão orientadora. Assim, recorrendo ao diálogo vertical, pretendeu-se que os alunos compreendessem o contexto económico vivido em Portugal nas décadas de 60 e 70. Para isso, fez-se alusão às medidas tomadas pelo governo para fomentar o desenvolvimento do setor industrial, como também se abordaram questões relacionadas com a atração das cidades e do surto de emigração dos anos 60. Este primeiro momento da aula confinava em si uma breve contextualização económica do país.

A progressão da aula fez-se com o lançamento da segunda questão orientadora. Aí procurou-se que os alunos compreendessem os fatores responsáveis pela permanência do regime autoritário em Portugal. Neste âmbito, pretendeu-se dar enfoque à censura e repressão policial. Sucede-se então, a realização de um trabalho individual. A professora distribuiu a cada aluno uma ficha de trabalho (ver anexo 5) juntamente com uma notícia (o tempo estipulado para a tarefa foi de 20 minutos). Esta ficha solicitava a leitura e interpretação da notícia e num segundo momento a redação da opinião de cada aluno sobre essa mesma notícia. Ora, deste modo, pretendíamos que os alunos tivessem contacto com as notícias, tratando, e posteriormente dando a sua opinião de forma crítica, ou seja, construíssem uma opinião relativamente à importância da temática e a forma como foi tratada nesse mesmo artigo. Seguidamente, os alunos foram distribuídos em grupos de 3 elementos. Assim, o grupo tinha 5 minutos para debater entre si, o trabalho que realizara anteriormente de forma individual, discutindo e debatendo os assuntos tratados nas suas respetivas notícias, pois havia em cada grupo duas notícias distintas. Esta situação pretendia que os alunos dessem a conhecer uns aos outros os assuntos trabalhados por eles e, deste modo, alargassem o seu conhecimento sobre a temática em causa.

Seguidamente, foi distribuída aos alunos uma ficha de trabalho (ver anexo 6) a realizar em grupo que consiste na elaboração de uma notícia pelos próprios alunos (40 minutos). Para este efeito, os alunos deveriam encarnar o papel de jornalistas e redigirem um artigo jornalístico inserido no contexto da época e baseado no trabalho

individual anteriormente efetuado. Por fim, como habitualmente, a resolução da situação-problema lançada no início da aula foi feita oralmente.

Partindo destas notícias e das fichas de trabalho produzidas, os alunos teriam que trabalhar assuntos de índole histórica, para além de desenvolverem outras competências importantes, como seja o espírito crítico, hábitos de leitura e, conseqüentemente, o seu nível de literacia.

c) Da metodologia aplicada à análise de conteúdo

Qualquer processo de investigação congloba uma ampla panóplia de etapas que se influenciam e dependem umas das outras, assim para que a investigação se possa caracterizar pela validade e fiabilidade deverá ser suportada por meios de recolha de dados que permitam, não só reduzir os enviesamentos, como também caminhar para um conhecimento mais proficiente com todas as hesitações e ambiguidades que isso implica. Por consequência, constituía meu intuito retirar toda a informação da opinião dos alunos relativamente às notícias apresentadas, bem como das notícias elaboradas pelos mesmos, de modo a compreender se o uso do jornal poderia ser um meio facilitador e potenciador de aprendizagens significativas e em que medida poderia desenvolver a consciência crítica dos discentes. Por essa razão, a minha investigação foi sustentada pela análise de conteúdo, que consiste em “um conjunto de instrumentos metodológicos (...) que se aplicam a «discursos» (...) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas (...) é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (Bardin: 2008, 11). Tanto mais que, “[o] lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade.” (Quivy e Campenhoudt 2005 :227).

Com efeito, não sendo a descrição de informação o mais importante, mas pelo contrário, o que ela nos pode ensinar ou desvendar depois de se proceder ao seu tratamento, concebemos grelhas referentes à análise de conteúdo das palavras-chave referenciadas pelos alunos, às opiniões dadas pelos alunos relativamente às notícias apresentadas e às notícias produzidas pelos mesmos, procedendo seguidamente, a uma categorização e classificação de hipóteses. Claro está, conforme nos diz Bardin (2008),

que esta categorização diz respeito à classificação e as categorias são, fundamentalmente, classes que agregam um grupo de elementos, desde os indicadores, às unidades de registo, agrupamento que foi elaborado consoante as características comuns dos elementos. Optei então, por recorrer ao processo de categorização de Bardin (2008: 147) denominado por “procedimento por caixas”, já que tinha um sistema de categorias que podia utilizar facilmente (o tema global da notícia, opinião dos alunos relativamente às notícias, o tema da aula).

Assim, para as turmas de Geografia, produzimos uma grelha de análise de conteúdo para o tema global de cada uma das quatro notícias. Neste contexto, importa realçar que dos 50 alunos, 14 trabalharam uma notícia, 12 alunos analisaram outra notícia, 12 discentes investigaram outra notícia e, por fim, os restantes alunos (12) examinaram uma outra notícia. Houve, portanto, a construção de quatro grelhas, uma para cada notícia. Para além destas, construímos quatro grelhas de análise de conteúdo sobre as opiniões dos alunos relativamente às quatro notícias apresentadas e, por último uma grelha de análise de conteúdo relativa aos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos.

Assim sendo, passaremos à explanação da forma como foram pensadas e construídas todas estas grelhas. Aquando da elaboração das grelhas de análises de conteúdo das palavras-chave extraídas de cada uma das notícias, consideramos como categoria o tema global da notícia, incluímos o número de ocorrências do tema global da notícia nas palavras-chave elencadas pelos alunos. Englobamos também, diversos indicadores que variam de notícia para notícia e que correspondem às palavras-chave relacionadas com o tema da mesma. Neste campo, assinalamos ainda, o respetivo número de ocorrências e alguns exemplos retirados das próprias fichas de trabalho dos discentes (ver anexos 7.1, 7.2, 7.3, 7.4). No que se refere à grelha de análise de conteúdo sobre a informação da opinião dos alunos relativamente à notícia, indicamos como categorias as opiniões negativas e as opiniões positivas; selecionamos como indicadores as características atribuídas pelos discentes às notícias (como por exemplo: interessante, importante, elucidativa, entre outras) e, mais uma vez, colocamos o respetivo número de ocorrências e exemplos (ver anexos 8.1, 8.2, 8.3, 8.4). Por fim, a última grelha relativa aos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos, assinalamos como categoria o tema da aula; apontamos o número de ocorrências do tema global da aula no total das notícias; colocamos como indicadores os

conteúdos temáticos relacionados com a notícia, o respetivo número de ocorrências e exemplos (ver anexo 9.1).

No que respeita à área disciplinar de História, a análise metodológica é muito semelhante. Produzimos uma grelha de análise de conteúdo para o tema global de cada uma das notícias apresentadas, porém nesta situação são apenas contabilizadas três notícias. Neste contexto, importa realçar que dos 21 alunos, 8 trabalharam uma notícia, 7 alunos analisaram outra notícia, 6 discentes investigaram outra notícia. Houve, portanto, a construção de três grelhas, uma para cada notícia. Para além destas, construímos três grelhas de análise de conteúdo sobre as opiniões dos alunos relativamente às três notícias apresentadas e, por último uma grelha de análise de conteúdo relativa aos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos.

Passemos então, à explanação da forma como foram pensadas e construídas todas estas grelhas. Aquando da elaboração das grelhas de análises de conteúdo das palavras-chave extraídas de cada uma das notícias, consideramos como categoria o tema global da notícia, incluímos o número de ocorrências do tema global da notícia nas palavras-chave elencadas pelos alunos. Englobamos também, diversos indicadores que variam de notícia para notícia e que correspondem às palavras-chave relacionadas com o tema da mesma. Neste campo, assinalamos ainda, o respetivo número de ocorrências e alguns exemplos retirados das próprias fichas de trabalho dos discentes (ver anexos 10.1, 10.2, 10.3). No que se refere à grelha de análise de conteúdo sobre a informação da opinião dos alunos relativamente à notícia, indicamos como categorias as opiniões negativas e as opiniões positivas; selecionamos como indicadores as características atribuídas pelos discentes às notícias (como por exemplo: interessante, importante, elucidativa, entre outras) e, mais uma vez, colocamos o respetivo número de ocorrências e exemplos (ver anexos 11.1, 11.2, 11.3, 11.4). Por fim, a última grelha relativa aos conteúdos temáticos da aula presentes nas notícias elaboradas pelos alunos, assinalamos como categoria o tema da aula; apontamos o número de ocorrências do tema global da aula no total das notícias; colocamos como indicadores os conteúdos temáticos relacionados com a notícia, o respetivo número de ocorrências e exemplos (ver anexo 12.1.).

Em virtude disto, ficou evidente que, tanto as grelhas, as categorias, como os indicadores foram consumados com base na informação facultada pelas turmas em estudo. Quer isto dizer que, sabendo que a análise de conteúdo das respostas às questões

abertas deve ser pautada por critérios de objetividade, nem sempre estes critérios são fáceis de alcançar, visto que qualquer conteúdo é passível de interpretações diversas e é sempre influenciada pelo quadro teórico de referência de quem a faz. Não obstante, fica a certeza do nosso empenho na mitigação deste problema.

3. Análise dos Resultados

Nesta senda do percurso empírico que temos vindo a desenvolver, o presente capítulo dará lugar a um dos estádios subsequentes ao tratamento de dados, assumindo assim, o desafio de atribuir sentido ao aglomerado de informações que obtivemos, cuidando de não desperdiçar a riqueza de significados subjacentes. Acreditamos, por isso, que o processo de investigação em causa perfilhou uma metodologia progressiva de recolha de dados que, posteriormente tratados, poderão gerar um conjunto de ilações suscetíveis de serem verdadeiramente significativas para o caso de estudo em questão.

Conforme o que anteriormente mencionamos, faremos a apresentação dos dados obtidos. Contudo tal situação ocorrerá numa lógica cronológica e estruturante. O que quer dizer que começaremos pela análise de dados à área disciplinar de Geografia, em seguida à de História.

a) Área disciplinar de Geografia

As duas aulas lecionadas às turmas C e D de 8º ano, que admitiram uma metodologia e execução análogas, reuniram então, a lecionação da temática subjacente à agricultura portuguesa por meio de tratamento e produção de notícias. Desse modo, as fichas de trabalho especificamente orientadas nesse sentido pretendiam validar o jornal enquanto instrumento promotor de aprendizagens significativas, como ainda, despertar nos alunos a sua consciência crítica.

Numa primeira fase, com a apresentação de notícias e com a apresentação da primeira ficha individual acerca da mesma, os alunos teriam que retirar as palavras-chave que revelassem o tema central da notícia. Ora, desta situação ficou evidente que todos os alunos (50 alunos) conseguiram descodificar a mensagem transmitida por cada notícia, uma vez que, as grelhas de análise de conteúdo sobre esta matéria evidenciam

que foram elencadas diversas palavras-chave relacionadas com o tema. No caso da notícia “Apostam na terra 4 jovens por dia”, que relatava a aposta que tem vindo a crescer no setor agrícola, principalmente por mão-de-obra jovem, a palavra-chave mais mencionada – “Jovens/Agricultores/novos agricultores” – constitui, de facto, a palavra que melhor traduz o sentido desta notícia (ver anexo 7.1). Por seu turno, da notícia intitulada “Governo dá terra a quem a trabalhar”, que evidencia entre outros aspetos, a decisão da parte do governo em conceder bolsas de terra àqueles que querem apostar nos setor agrícola, a palavra-chave mais indicada foi “Terra/Terrenos/Bolsas de terra/Terras do Estado”, seguindo-se o conceito de “agricultura” (ver anexo 7.2). No que concerne à notícia “Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos”, que destacava a produção de mirtilos como sendo um dos produtos com maior investimento no setor agrícola em Aveiro e Viseu, de tal forma que, se encontrava em desenvolvimento a formação de um cluster em torno dos pequenos frutos, os termos mais referidos foram: “produção de mirtilo” e “cluster”, termos que atestam o conteúdo central da notícia (ver anexo 7.3). A última notícia, “Produção de legumes e frutas empregam 150 mil”, que coloca em evidência o setor hortofrutícola como o maior gerador de emprego do setor agrícola, foi facilmente perceptível pelos alunos que os conceitos chave da notícia seriam: “Produção/altas produções” e “Setor hortofrutícola/hortofrutícola” (ver anexo 7.4). Em virtude do mesmo, mais uma vez se comprova que através das notícias apresentadas, os alunos conseguiram perceber os temas centrais das mesmas que, simultaneamente, constituíam os assuntos de índole geográfica. Mais ainda se corrobora que, muitos assuntos tratados em artigos de jornal correspondem a muitos temas relacionados com as diversas Ciências, como é o caso da Geografia.

Continuando esta nossa análise, a atividade em que os alunos tiveram que redigir a sua opinião relativamente à notícia que lhes foi apresentada também constituiu um elemento importante de investigação, e consequentemente uma oportunidade de colheita de informação importante para este nosso estudo. Com efeito, as grelhas de análise possibilitaram conhecer que a maioria dos alunos conseguiu tecer uma opinião sobre a sua notícia, elencando os motivos dessas suas convicções. Assim sendo, com a exceção de sete alunos que não fizeram qualquer comentário à sua notícia, os restantes 43 alunos reconheceram que as notícias comportavam mais críticas positivas que negativas, uma

vez que apenas 3 alunos partilhavam a ideia de que a notícia que lhes acertou continha aspetos menos positivos.

Numa análise mais detalhada, concluímos que a notícia “Apostam na terra 4 jovens por dia”, compreendeu uma opinião nula (sem opinião), duas opiniões negativas e as restantes opiniões positivas dadas por 11 alunos (ver anexo 8.1.). Relativamente a uma das opiniões negativas caracterizada como sendo confusa, podemos deduzir que o aluno em causa não compreendeu verdadeiramente o conteúdo da notícia. Pois, com esta atividade conseguimos apreender não só a capacidade crítica do aluno, como ainda, a dimensão da própria assimilação que o aluno fez da notícia. A notícia referenciada como sendo desinteressante revelou, na nossa perspetiva, que o aluno já tinha algum conhecimento sobre o assunto e, por consequência a notícia não se mostrou tão motivadora e surpreendente quanto o pretendido. Das opiniões positivas, a característica mais destaca foi “importante” com oito ocorrências, seguindo-se o adjetivo interessante e atual, ambas com o mesmo número de ocorrências (2). Além disso, as suas respostas direcionaram-se maioritariamente para o quão é importante dar a conhecer a realidade do país e como é essencial apostar mais no setor agrícola. A título exemplificativo:

“Na minha opinião esta notícia é bastante importante para demonstrar ao país o aumento do desemprego, fazendo os jovens apostar mais na terra (agricultura). (...)”.

No nosso entender, as opiniões nulas seja nesta notícia ou noutras que também se verificaram, podem ser compreendidas em dois sentidos. Por um lado, a incapacidade do aluno em compreender o tema e os assuntos tratados na notícia por alguma dificuldade que tenha em ler e interpretar textos, ou até mesmo, por um simples ato de indolência ou indiferença ao trabalho pedido, dado que, o mesmo implicava algum esforço no sentido de mobilizar as suas habilidades e competências.

No que toca à notícia “Governo dá terra a quem a trabalhar”, os dados manifestam que 11 alunos evidenciaram uma visão positiva sobre a notícia e um aluno não expressou opinião alguma (ver anexo 8.2). Mais uma vez, se confirmou que o adjetivo mais referenciado pelos discentes foi “importante” com sete ocorrências, seguindo-se “interessante” com três ocorrências e, por último, “estruturada” com uma ocorrência. Aquando da justificação, os estudantes referem quase sempre conteúdos da própria

notícia que muito interessam ao tema da aula e, portanto, à própria Geografia também, para além de fazerem o tal paralelo com a realidade atual do país. Tomemos como exemplo:

“(...) Esta notícia é importante, pois diz que a agricultura é um sector estratégico para o futuro do crescimento económico do País.”.

No que consta à notícia do “Aumento da produção de mirtilo impulsiona cluster dos pequenos frutos”, as grelhas de análise aferem que, 9 alunos consideram que a notícia tem aspetos positivos, 1 aluno assinala uma conotação negativa à mesma e 2 alunos não têm qualquer opinião (ver anexo 8.3). No âmbito das opiniões positivas, destacam-se as características “importante” com seis ocorrências e “interessante” com três ocorrências. Repetindo aquilo que já foi dito anteriormente, as respostas dos estudantes direcionaram-se maioritariamente para o quão é importante dar a conhecer a realidade do país e como é essencial apostar mais no setor agrícola, como é o caso dos frutos pequenos. Vejamos um desses exemplos ilustrativos disso:

“Acho que a notícia é bastante importante porque a produção do mirtilo está a aumentar fazendo com que o cluster dos pequenos frutos aumente, dando mais exportações para o país, o que ajuda na economia portuguesa.”

A opinião negativa em que o aluno menciona que a notícia é esquisita é facilmente justificada, dado que pelo argumento do aluno, se compreende que este não percebeu alguns dos aspetos tratados na notícia. Tal como já referimos anteriormente, as duas opiniões nulas podem ser compreendidas em dois sentidos. Por um lado, a incapacidade do aluno em compreender o tema e os assuntos tratados na notícia por alguma dificuldade que tenha em ler e interpretar textos, ou até mesmo, por um simples ato de indolência ou indiferença ao trabalho pedido, dado que, o mesmo implicava algum esforço no sentido de mobilizar as suas habilidades e competências.

No que se refere à notícia cujo título é “Produção de legumes e frutas emprega 150 mil”, os dados mostram que 9 alunos têm uma opinião positiva relativamente à mesma e 3 discentes não registaram qualquer opinião (ver anexo 8.4). Com base nas opiniões positivas, a característica mais destacada foi “importante” com nove ocorrências, seguindo-se o adjetivo interessante com uma ocorrência. Regista-se mais

uma vez, que as suas respostas direcionaram-se maioritariamente para o quão é importante dar a conhecer a realidade do país e para a relevância em desenvolver o setor agrícola. A título exemplificativo:

“Eu acho que apesar de importante a produção de legumes e frutos que emprega 150 mil vai longe visto que por causa da crise o país terá de apostar na exportação e este setor aposta na exportação.”.

Tal como descrito anteriormente, as três opiniões nulas podem ser compreendidas em dois sentidos. Por um lado, a incapacidade do aluno em compreender o tema e os assuntos tratados na notícia por alguma dificuldade que tenha em ler e interpretar textos, ou até mesmo, por um simples ato de indolência ou indiferença ao trabalho pedido, dado que, o mesmo implicava algum esforço no sentido de mobilizar as suas habilidades e competências.

Desta forma, os resultados até aqui adquiridos levam-nos a concluir que, a maioria dos alunos conseguiu descodificar os assuntos intrínsecos às notícias, realçar os aspetos geográficos de relevância para aula e, ainda, demonstraram o seu espírito crítico, uma vez que, as opiniões dadas foram devidamente justificadas e validadas.

No decorrer deste nosso estudo, interessa ainda, evidenciar os dados que obtivemos ao nível da produção de notícias (ver anexo 9.1). Neste contexto, sabendo que esta atividade foi desenvolvida em trabalho de grupo composto por quatro elementos, rapidamente se compreende que todos os alunos tenham patenteado nas suas notícias as temáticas abordadas nas notícias e, conseqüentemente da própria aula. Pois que, os alunos que na atividade anterior não tiveram intervenção, agora em contacto com os colegas que se empenharam em trabalhar seriamente acabaram por se inteirar da temática e, até mesmo ajudá-los a compreender alguns assuntos. Com a panóplia de resultados, pudemos repartir as notícias elaboradas segundo três subtemas fundamentais, a saber: potencialidades da agricultura, investimentos feitos na agricultura, assim como, as conseqüências advindas da aposta na agricultura. Ora, uma análise mais minuciosa desta situação, revela naturalmente, que a produção de notícias teve no seu âmago as notícias trabalhadas precedentemente. Logo, podemos afirmar com profunda convicção que, os jornais constituem, de facto, recursos didáticos promotores de aprendizagens significativas e que a partir deles podemos tratar diversos

assuntos ligados às Ciências, neste caso particular à Geografia. Apercebemo-nos rapidamente que, os alunos compreenderam a importância do setor agrícola para a economia do país, que tomaram conhecimento dos investimentos que têm vindo a ser feitos neste setor e quais as suas potencialidades. Assim, notícias ligadas às consequências advindas da aposta na agricultura foram aquelas que maior ocorrência tiveram (20), sucedendo aquelas ligadas às potencialidades da agricultura com 16 ocorrências e, com 12 ocorrências as notícias ligadas aos investimentos feitos no setor agrícola. A partir destes números, concluímos também quais os assuntos mais relevantes e significativos para os alunos, tanto mais que, a própria estruturação da notícia é, não raras vezes, feita de modo a exaltar as suas opiniões. Senão vejamos:

“ – Nós sabemos que ser agricultor obriga a muito trabalho, mas também sei que se o investimento for bem feito pode trazer muitos lucros. Na nossa opinião a agricultura é o futuro do desenvolvimento económico do país.”

b) Área disciplinar de História

A aula lecionada ao 9ºD, subjacente à temática “Portugal: Do autoritarismo à Democracia”, na qual procurávamos caracterizar o desenvolvimento económico vivido em Portugal, nas décadas de 60 e 70, e ainda explicar a permanência do regime autoritário em Portugal depois da 2ª guerra mundial, foi trabalhada por meio de tratamento e produção de notícias. Tal como em Geografia, as fichas de trabalho especificamente orientadas nesse sentido pretendiam validar o jornal enquanto instrumento promotor de aprendizagens significativas, como ainda despertar nos alunos a sua consciência crítica.

Numa primeira fase, com a apresentação de notícias e com a apresentação da primeira ficha individual acerca da mesma, os alunos teriam que retirar as palavras-chave que revelassem o tema central da notícia. Ora, desta situação ficou evidente que todos os alunos (21 alunos) conseguiram descodificar a mensagem transmitida por cada notícia, uma vez que as grelhas de análise de conteúdo sobre esta matéria evidenciam que foram elencadas diversas palavras-chave relacionadas com o tema. No caso da notícia “Façamos da nossa luta por aumento de salário uma luta constante, unida e firme!”, que relatava a exposição de uma situação de contestação por parte de trabalhadores fabris que reclamavam salários e condições de trabalho melhores, a palavra-chave mais

mencionada – “Magros salários/Salário” – constitui, de facto, a palavra que melhor traduz o sentido desta notícia. Seguem-se os conceitos “luta” com cinco ocorrências e “desemprego” com quatro ocorrências (ver anexo 10.1.). Por sua vez, da notícia intitulada “Um ano de combate anti-fascista”, que evidencia a manifestação do ideal de liberdade que muitos portugueses tinham, pondo em causa o regime fascista que vigorava, a palavra-chave mais indicada foi “Democracia”, seguindo-se o conceito de “anti-fascista” (ver anexo 10.2.). No que concerne à notícia “Preso o comandante da região do Porto”, que destacava a prisão de um general, os termos mais referidos foram: “preso/apreenderam” e “comandante/general”, termos que atestam o conteúdo central da notícia (ver anexo 10.3.). Em virtude do mesmo, mais uma vez se comprova que através das notícias apresentadas, os alunos conseguiram perceber os temas centrais das mesmas que, simultaneamente, constituíam os assuntos de índole histórica. Mais ainda se corrobora que, tal como na atualidade, também no passado, os meios de comunicação, como o caso do jornal, constituíam uma forma de divulgar e pôr a nu as opiniões, pensamentos e situações que ocorriam numa época, numa sociedade.

Mas continuando a desenvolver a senda deste nosso estudo, a atividade em que os alunos tiveram que redigir a sua opinião relativamente à notícia que lhes foi apresentada também constituiu um elemento importante de investigação e conseqüentemente uma oportunidade de colheita de informação importante para este nosso estudo. Com efeito, as grelhas de análise possibilitaram conhecer que a maioria dos alunos conseguiu tecer uma opinião sobre a sua notícia, elencando os motivos dessas suas convicções. Assim sendo, com a exceção de um aluno que não fez qualquer comentário à sua notícia, os restantes 20 alunos reconheceram que as notícias comportavam um sentido crítico muito positivo.

Numa análise mais detalhada, concluímos que a notícia “Façamos da nossa luta por aumentar de salário uma luta constante, unida e firme!”, compreendeu 7 opiniões positivas, sendo que, a característica mais destacada foi “importante” com quatro ocorrências, seguindo-se o adjetivo significativa com duas ocorrências e elucidativa com uma ocorrência (ver anexo 11.1). Estas suas respostas direcionaram-se maioritariamente para o quão foi importante para eles perceber a realidade do país na época do Estado Novo, como ainda, mencionaram que a partir destas notícias conseguiram compreender com maior detalhe essa mesma realidade. A título exemplificativo:

“Com esta notícia eu consigo perceber a opinião do povo. O povo queria mudar o estilo de vida, para viver melhor. A notícia foi censurada pois a opinião do povo não poderia ser divulgada, pois Salazar queria demonstrar um Portugal bom e feliz, sem problemas.”.

“Com esta notícia percebi como a censura era forte. Esta notícia é um exemplo disso porque quando se mostrava uma má imagem do país, mostrava-se mais do que devia”.

Estes dois exemplos encontram-se na característica que defini como sendo “significativa”, pois o discurso destes alunos refletiu, indubitavelmente, esta aprendizagem significativa conseguida por estes alunos a partir desta notícia. No que se refere aos alunos que consideraram esta notícia “importante”, ficou nítido a relevância que estes consideraram em conhecer a opressão e repressão que se fazia sentir nesta época do Estado Novo. Podemos considerar como exemplo desta noção as respostas que se seguem dadas pelos alunos:

“Esta notícia é importante porque mostra que pelo facto de se falar mal do país havia censura. E Salazar não queria passar a imagem de um país repressivo.”;

“(…) O facto da notícia ter sido censurada foi porque ninguém se pode queixar das suas condições. Não havia liberdade de expressão! Por isso esta notícia é importante para sabermos o que se passou nesta época”.

No que toca à notícia “Um ano de combate anti-fascista”, os dados manifestam que 7 alunos evidenciaram uma visão positiva sobre a notícia, visto que, houve três ocorrências para aqueles que consideraram a notícia “importante”, duas ocorrências para “interessante” e outras duas para quem a considerou “elucidativa” (ver anexo 11.2). A partir dos conteúdos das notícias, os alunos estabelecem uma ligação com outros conhecimentos que têm sobre esse tema, clarificando assim, as razões que estão na base da construção das notícias e do porquê de terem sido censuradas. Tomemos como exemplos:

“Esta notícia mostra como foi um ano de combate anti-fascista onde se trata a importância dos acontecimentos que ocorreram e que alterou os aspectos políticos em todo o mundo. (...)”;

“Salazar era um ditador, ou seja, apoiava os políticos de Hitler e Mussolini, o nazismo e o fascismo e esta notícia fala de um ano de combate anti-fascista, ou seja, falava de oposição a Salazar. Assim esta notícia é interessante pois revela a falta de liberdade na altura de Salazar.”.

No que respeita à notícia do “Preso o comandante da região do Porto”, as grelhas de análise aferem que, 6 alunos consideram que a notícia tem aspetos positivos e 1 estudante não tem qualquer opinião (ver anexo 11.3). No âmbito das opiniões positivas, destacam-se as características “importante” com quatro ocorrências e “significativa” com duas ocorrências. Mais uma vez se verifica, que a partir dos conteúdos das notícias, os alunos estabelecem uma ligação com outros conhecimentos que têm sobre esse tema, clarificando assim, as razões que estão na base da construção das notícias e do porquê de terem sido censuradas. Vejamos um exemplo claro desta situação:

“Esta notícia é importante porque retrata a repressão que existiu durante o Salazarismo. O comandante da região do Porto foi preso, o que poderá significar que estava contra o regime e isso Salazar não permitia.”.

Para além disso, também atestam o significado que a notícia teve na clarificação dos seus conhecimentos sobre o tema, evidenciando assim, que a partir destas notícias os alunos compreenderam de forma mais profícua os assuntos da aula. Comprovamos esta nossa inferência, não só mas também, por meio deste exemplo retirado das respostas de um dos alunos:

“Esta notícia retirada da galeria virtual mostra a censura feita pelo lápis azul (associação que trabalha a mando de Salazar). Com isto fiquei a perceber melhor até que ponto podia ir a ditadura de Salazar.”.

Desta maneira, os resultados até aqui adquiridos levam-nos a concluir que a maioria dos alunos conseguiu descodificar os assuntos intrínsecos às notícias, realçar os aspetos

históricos de relevância para aula e, ainda, demonstraram o seu espírito crítico, uma vez que as opiniões dadas foram devidamente justificadas e validadas.

No decorrer deste nosso estudo, interessa ainda evidenciar os dados que obtivemos ao nível da produção de notícias (ver anexo 12.1). Neste contexto, sabendo que esta atividade foi desenvolvida em trabalho de grupo composto por três elementos, rapidamente se compreende que todos os alunos tenham patenteado nas suas notícias as temáticas abordadas nas diversas notícias e, conseqüentemente da própria aula. Pois que, agora em contacto uns com os outros, o trabalho terá à partida um maior enriquecimento do ponto de vista do conteúdo. Por conseguinte, com a panóplia de resultados pudemos repartir as notícias elaboradas segundo três subtemas fundamentais, a saber: censura, repressão policial e o desenvolvimento económico do país. Ora, uma análise mais minuciosa desta situação, revela que a produção de notícias teve no seu âmago as notícias trabalhadas precedentemente. Logo, podemos afirmar com profunda convicção que os jornais constituem, de facto, recursos didáticos promotores de aprendizagens significativas e que a partir deles podemos tratar diversos assuntos ligados às Ciências, neste caso particular à História. Apercebemo-nos rapidamente que os alunos compreenderam o contexto político, social e económico da época. Assim, notícias ligadas à censura foram aquelas que mais ocorrências detiveram (9), sucedendo as relacionadas com o desenvolvimento económico do país e a repressão policial, ambas com seis ocorrências cada uma. A partir destes números, concluímos também quais os assuntos mais relevantes e significativos para os alunos, tanto mais que, a própria estruturação da notícia é, não raras vezes, feita de modo a exaltar as suas opiniões e convicções. Senão vejamos os seguintes exemplos:

“No dia 2 de Agosto de 1968, um bebé nasceu (...). O seu tempo de vida foi curto, porque nasceu geneticamente “diferente”;

“Sinto-me desesperado!!!! Quase já nem posso escrever sobre a minha própria vida. Que regime é este que recusa libertar o seu povo? (...)”.

“A 27 de fevereiro de 1974 na cidade do Porto, bem poderia o sol ter apartado os seus raios naquele dia pois o nosso “pai” determinou “tirar mais um armando” ao mundo por umas simples palavras. (...) Isto é apenas um dos exemplos de outros tantos casos iguais a este a que o povo tem sido submetido.”.

Considerações finais

Concluído o nosso percurso investigativo que, tendo sido motivado por questões que nos parecem fundamentais para uma escola que deve pugnar por uma ação mais congruente com as dinâmicas e transformações da sociedade, é chegado o momento de sistematizar, mas também acentuar o que mais se enlevou destas nossas reflexões, metodologias e experiências.

De facto, visando aprofundar as potencialidades relacionadas com o uso de jornais em sala de aula no sentido de validar este recurso didático enquanto promotor de aprendizagens significativas e desencadeador do espírito crítico dos alunos, procedemos num primeiro momento à procura intensiva de material teórico que sustentasse estas nossas convicções para depois, num momento subsequente, testarmos empiricamente essas nossas hipóteses. Assim sendo, o primeiro passo tomado no sentido de aprofundar o nosso conhecimento sobre a temática em destaque, facultou-nos, desde logo, a percepção da importância deste assunto, pois apuramos que este tema tem despoletado muitas reflexões por parte daqueles que se interessam pela área da educação, facto que lhe confere uma relevância acrescida.

Sendo nossa convicção que a escola nunca deverá estar alienada da realidade da própria sociedade, devendo assim, promover uma educação orientada para a formação de cidadãos ativos e conscientes, mais convencidos ficamos quando encontramos diversos autores a corroborarem essa mesma ideia, de tal forma que,

“[é] hoje um dado evidente que a leitura e a literacia são competências fundamentais para viver (e sobreviver) em sociedades burocráticas e tecnológicas como a nossa. (...) Hoje reivindica-se uma educação que prepare mais eficazmente os jovens, desenvolvendo práticas conducentes àquelas que encontrarão na vida adulta – profissional, social e privada, e para que se eduque para a igualdade no acesso à informação e à oportunidade.” (Magalhães, 2009: 150).

Todavia, por forma a tornar esta nossa certeza numa verdade irrefutável, desenvolvemos, em contexto de sala de aula, algumas atividades com recurso a notícias de jornal. Para tal, impôs-se a lecionação de uma temática recorrendo, numa primeira fase ao tratamento de notícias e num momento posterior à produção de uma notícia, tudo isto através de fichas de trabalho devidamente orientadas neste sentido. Ora, foi através da realização destas fichas de trabalho que obtivemos as bases de dados que nos

permitiram alcançar e atestar as nossas convicções. Desta feita, a metodologia aplicada tanto nas aulas de História como de Geografia demonstraram dados muito semelhantes e que vão de encontro às expectativas e esperanças depositadas no início desta investigação. Com efeito, em ambos os casos, podemos considerar que as temáticas tratadas nas aulas conferiram aos alunos um processo ativo na construção do seu saber, uma vez que, foram os próprios que leram, trataram e interpretaram as notícias facultadas, para além de num momento posterior, serem os mesmos os autores das suas próprias notícias. Contribuímos, deste modo, para um ensino que preconiza o desenvolvimento de competências úteis à formação do indivíduo enquanto cidadão. Por outras palavras,

“Uma vez que os textos de jornal têm natureza diferente da dos manuais escolares, o recurso a jornais nas aulas facilita a preparação dos alunos para o exercício de uma cidadania informada e responsável, dado que terão oportunidade de aprender a ler e analisar criticamente um determinado texto, bem como interpretar os assuntos científicos provenientes de um meio de aprendizagem informal.”
(Guedes, 2007: 155).

Deste nosso estudo, poderemos ainda enunciar que, por um lado, os jornais são uma enorme fonte de riqueza de material importante para o estudo das Ciências, e por outro, constituem instrumentos potenciadores de aprendizagens significativas. Tal facto, pode ser comprovado pelas respostas dos estudantes dadas sobre as notícias trabalhadas, no qual referem que a partir das mesmas compreenderam de forma proficiente as temáticas em abordagem. Mais ainda, com a produção de notícias, ficou evidente que a maioria delas baseava-se em conhecimentos anteriormente tratados nas notícias, facto que comprova a eficiente assimilação e compreensão da informação temática. Estas notícias elaboradas por todos os elementos das turmas, continham ainda as opiniões e deduções retiradas dos alunos sobre os assuntos em análise, facto que revela que estas atividades foram, sem dúvida alguma, bastante motivadoras e proveitosas. Ora, “Estes objectivos são muito importantes para o ensino da Ciências, pois, sem alunos motivados, é difícil existir uma aprendizagem proveitosa” (Guedes, 2007: 153). Por último, conseguimos aferir ainda que o uso de jornais em sala de aula desperta o sentido crítico dos alunos, uma vez que a grande maioria dos alunos validou a sua opinião relativamente às notícias, utilizando argumentos respeitante ao conteúdo e, até mesmo, à forma da notícia.

Em jeito de conclusão, parece-nos oportuno ressaltar uma vez mais que, tanto no caso da Geografia como em História, o uso de notícias de jornal na sala de aula contribuíram em larga medida para o desenvolvimento de aprendizagens significativas, pois a partir das mesmas os alunos compreenderam de forma mais profícua os assuntos da aula, como ainda desenvolveram a sua consciência crítica. Por isso mesmo, poderemos afirmar com segurança que

“(…) a utilização de notícias de jornal em sala de aula apresenta-se como uma ferramenta rica, que por sua diversidade de formas e conteúdos, possibilita o estabelecimento de relações entre os conhecimentos de ciência / tecnologia e suas implicações com a sociedade, permitindo que o trabalho desenvolvido na escola produza aprendizagens mais significativas e intimamente ligadas ao mundo cotidiano.” (Wolney, 2006: 115).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, José – Os Media e a Escola: da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação. Lisboa: Texto Editora, 1992. 104 p. ISBN 972-47-0377-0.
- BARDIN, Laurence – Análise de Conteúdo. 4ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2008. 288 p. ISBN 9789724415062.
- BENAVENTE, Ana [et al.] – A Literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 429 p. ISBN-972-31-0713-9.
- FARIA, Maria – O Jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1989. 128 p. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa). ISBN 85-85134-44-5.
- FERREIRA, Eurico. O uso dos audiovisuais como recurso didático. Porto: [Edição do autor], 2010. Tese de Mestrado.
- GUEDES, Sónia. Os Jornais e o ensino da Física e Química: Uma análise de jornais diários e de opiniões de professores de Física e Química e de alunos do 9ºano de escolaridade. Braga: [Edição do autor], 2007. Tese de Mestrado.
- MAGALHÃES, Paula. Educar para os valores e para a cidadania: análise informático-lexical para uma bibliografia temática integrada no Plano Nacional de Leitura. Vila real: [Edição do autor], 2009. Tese de Mestrado.
- MARQUES, Rui [et al.] – Na sociedade de informação: O que aprender na escola?. Porto: Edições ASA, 1998. 111 p. Coleção Perspetivas Actuais. ISBN 972-41-1962-9.

- MARQUES, Luciana e OLIVEIRA, Sâmya – Paulo Freire e Vygotsky: Reflexões sobre a Educação. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife. [Em linha]. (2005), p. 1-12. [Consult.26 jul. 2012]. Disponível na Internet: <http://pt.scribd.com/doc/94018857/PAULO-FREIRE-E-VYGOTSKY-REFLEXOES-SOBRE-A-EDUCACAO>.
- MELO, Wolney. O uso do Jornal no ensino da Física. São Paulo: [Edição do autor], 2006. Tese de Mestrado.
- MESQUITA, José. A escola na sociedade do conhecimento. Vila real: [Edição do autor], 2002. Tese de Mestrado.
- LAGES, Mário [et al.]. Os Estudantes e a Leitura. [Em linha]. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), 2007. Plano Nacional da Leitura. [Consult. 12 jul. 2012]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/estudantes-leitura.pdf>. ISBN: 978-972-614-418-2.
- OCDE Assessing Scientific, Reading and Mathematical Literacy: A framework for PISA 2006. [Em linha]. Paris: OCDE. [Consult. 25 jul. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisa2006/37464175.pdf>.
- PETARNELLA, Leandro e SOARES, Maria – Desafios docentes na pós-modernidade: a utilização das tecnologias midiáticas e digitais nas práticas pedagógicas. Cadernos de Pós-Graduação – Educação. [Em linha]. Vol. 6. (2007), p. 93-97.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, Van L. – Manual de Investigação em Ciências Sociais. [Em linha]. 4ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005. [Consult. 20 de agost. 2012]. Disponível em: WWW: <URL:<http://pt.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de-Investigacao-em-Ciencias-Sociais>. ISBN 972-662-275-1.

- VIEIRA, Regina – O jornal e a formação da cidadania no ensino fundamental e médio. Revista Ciências Humanas, 8 (1). [Em linha]. [2002?], p. 1-6. [Consult. 29 de jul. 2012]. Disponível em: WWW: <URL:<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/ojornal-N1-2002.pdf>>.

ANEXOS